

ESTER CARDOSO DA SILVA

**A EXPRESSÃO DO TEMPO FUTURO
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DOS
SÉCULOS XVIII AO XX**

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Lingüística e
Língua Portuguesa como parte dos
requisitos para obtenção do Título de
Mestre em Lingüística sob orientação
da Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade
Berlinck.**

**Araraquara
2006**

Silva, Ester Cardoso da.

A expressão do tempo futuro no português brasileiro dos séculos XVIII ao XX / Ester Cardoso da Silva. – 2006

116 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa)
– Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Lingüística histórica. 2. Língua portuguesa (Brasil).
3. Tempo futuro – Lingüística. Título.

ESTER CARDOSO DA SILVA

**A EXPRESSÃO DO TEMPO FUTURO
NO PORTUGUÊS BRASILEIRO DOS
SÉCULOS XVIII AO XX**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa como parte dos requisitos para obtenção do Título de Mestre em Lingüística sob orientação da Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck.

Banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade Berlinck
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – Unesp

Prof^a. Dr^a. Maria Aparecida Torres Morais
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas -USP- São Paulo

Prof^a. Dr^a. Beatriz Nunes de Oliveira Longo
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara - Unesp

Araraquara, 20 de Abril de 2006

A ti, ***Deus***,
“Que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que há
neles, e que guarda a verdade para sempre” *Salmos 146:6*

“Grande em conselho e
magnífico em obras; porque os teus
olhos estão abertos sobre todos os caminhos dos
filhos dos homens, para dar a cada um segundo os seus
caminhos e segundo o fruto de suas obras” *Jeremias 32:19*

Ao meu querido esposo ***Fabrício***, que com sua calma e perseverança, me ajuda a enfrentar as adversidades.

Aos ***Meus Pais***, pelo apoio
e sábios conselhos.

Às minhas irmãs ***Eline*** e ***Eriane*** que
sempre alegam meu coração.

Agradecimento especial à ***Prof^a. Dr^a. Rosane de Andrade
Berlinck*** que com sabedoria, e amizade ajudou-me
a concretizar mais um sonho.

Aos ***companheiros de estudos sociolingüísticos***
pela convivência, amizade, ajuda e
partilha de conhecimentos.

Aos ***professores e funcionários*** que direta ou
indiretamente contribuíram para a
realização deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho apresenta um estudo sobre o tempo futuro no português de parte da região sudeste do Brasil em textos semi-formais dos séculos XVIII, XIX e XX.

Por meio de uma pesquisa diacrônica, o estudo objetiva verificar se a perífrase IR+INF, tão presente na fala do brasileiro contemporâneo, é fruto do atual momento lingüístico, ou se já ocorria em estágios anteriores da língua.

Buscamos, também, determinar em que momento, seja dos estágios anteriores da língua ou do contemporâneo, tal perífrase tornou-se mais freqüente, observando quais os fatores internos e externos da língua que contribuíram para que essa forma analítica do tempo futuro se tornasse a predominante no uso.

O estudo mostrou que o que parece ser inovação na língua é, na realidade, uma tendência observada desde o latim; verificou-se, ainda, que fatores como pessoa verbal, animacidade do sujeito, verbo como elemento vizinho da forma futurizada e tipo de verbo são fatores que ajudam a explicar a distribuição das formas do tempo futuro. Além disso, observou-se que fatores externos à língua, como a história da comunidade de falantes, também contribuíram para explicar o comportamento desse tempo verbal.

Palavras-chave: tempo futuro, perífrases, Lingüística Histórica, português brasileiro

Abstract

This paper presents a study about the future tense in Portuguese, as used in part of the southeastern area of Brazil in semi-formal texts of the 18th, 19th and 20th centuries.

By means of a diachronic research, the study aimed to verify if the periphrasis IR+INF, so characteristic of the speech of contemporary Brazilians, is the fruit of this linguistic moment, or if it was already present in previous moments of the language.

We tried, also, to determine in which moment - be it one of the previous moments of the language or the contemporary one - such periphrasis became more frequent, observing which are the internal and external factors of the language that contributed to that analytical form of the future tense to become the most employed.

The study showed that what seems to be innovation in the language is, in fact, a tendency observed since Latin. Besides this, it was verified that factors as verbal person, animacity, and verb type help to explain the distribution of the future tense forms. Finally, it was observed that external factors, as the history of the speakers' community, also contributed to explain the behavior of the future verbal tense.

Keywords: future tense, periphrasis, Historical Linguistics, Brazilian Portuguese.

Lista de Figuras

Figura 1	Tempo Lingüístico.....	23
Figura 2	Tempo crônico.....	23
Figura 3	Tempo físico.....	23
Figura 4	A expressão do futuro do presente(FP)e do futuro do passado (FT) nos momentos estudados.....	63
Figura 5	Formas sintéticas e perifrásticas nos séculos XVIII, XIX E XX	67
Figura 6	A expressão perifrástica e a pessoa verbal.....	79
Figura 7	O Futuro do Presente e o tipo verbal.....	84
Figura 8	A expressão do tempo futuro tendo uma forma verbal como elemento vizinho.....	86
Figura 9	A animacidade e as perífrases.....	87
Figura 10	A expressão do futuro do pretérito.....	92
Figura 11	O futuro do pretérito e o tipo de verbo.....	99
Figura 12	O futuro do presente e o futuro do pretérito em uma linha imaginária representativa da modalidade.....	100
Figura 13	O tipo de verbo e o momento histórico.....	101
Figura 14	A animacidade do sujeito e o futuro do pretérito.....	103

Lista de Tabelas

Tabela 1	A distribuição das formas perifrásticas de acordo com os momentos históricos.....	68
Tabela 2	As perífrases, o tipo de verbo e os momentos históricos.....	81
Tabela 3	IR + infinitivo e os momentos históricos.....	83
Tabela 4	As perífrases no Futuro do pretérito e os momentos históricos.....	97

Lista de Abreviaturas e Símbolos

AUX	VERBO AUXILIAR
D	DEMAIS
E	SER/ESTAR E TER
FP	FUTURO DO PRESENTE
FP	FUTURO DO PRESENTE
FT	FUTURO DO PRETÉRITO
INF.	INFINITIVO
M	MODAIS
ME	MOMENTO DO EVENTO
MF	MOMENTO DE FALA
MR	MOMENTO DE REFERÊNCIA
p	PESSOA VERBAL
PB	PORTUGUÊS BRASILEIRO
Séc.	SÉCULO
TF	TEMPO VERBAL FUTURO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 TEMPO.....	17
1.1 O Futuro.....	20
1.1.1 A REPRESENTAÇÃO DO FUTURO NA LÍNGUA.....	21
1.1.2 FUTURO: TEMPO OU MODO.....	27
1.1.3 O FUTURO E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO NO PORTUGUÊS.....	28
1.1.3.1 Formas sintéticas e perifrásticas: uma questão de ordem.....	29
1.1.3.2 Causas para a inserção da forma perifrástica no latim.....	31
1.1.3.3 Formas perifrásticas e sintéticas no TF: Ciclo?.....	34
2 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA.....	38
2.1 O estudo da variação lingüística.....	41
2.2 As mudanças lingüísticas.....	46
2.3 A contribuição da sociolingüística fora do meio acadêmico.....	47
3 OBJETIVOS, HIPÓTESES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	49
3.1 Objetivos.....	49
3.2 Procedimentos metodológicos.....	51

3.2.1 O <i>CORPUS</i>.....	51
3.2.2 POR QUE SÉCULOS XVIII, XIX E XX?.....	54
3.2.3 MÉTODOS PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS.....	55
4 RESULTADOS.....	63
4.1 Análise do futuro do presente.....	64
4.2 Análise do futuro do pretérito.....	92
5 CONCLUSÃO	104
6 REFERÊNCIAS	108
7 APÊNDICE.....	112

INTRODUÇÃO

Sabendo que as línguas românicas têm como origem a variedade vulgar do latim¹, acredita-se que características peculiares a esta se acentuaram nas línguas que dela derivaram.

Uma das principais diferenças entre as variedades latinas clássica e vulgar consiste no fato de que, enquanto a primeira é extremamente flexiva, marcando funções gramaticais por meio de morfemas, a última recorre “à expressão analítica das funções e relações sintáticas” (ILARI, 1992, p.60).

É justamente a essa questão que este estudo pretende se ater, ou seja, à tendência que o português parece ter herdado do latim vulgar em transformar fatos da língua expressos pela forma sintética em forma analítica. Especificamente, este estudo pretende se ater à expressão do tempo verbal futuro (TF, doravante), à variedade brasileira do português.

Observando o TF no português brasileiro percebe-se que a expressão deste parece não fugir à regra: estudo sobre a língua falada em Florianópolis (GÖRSKI et al., 2002), além daquele desenvolvido por Silva (2002) mostram a grande preferência dos falantes por uma forma perifrástica desse tempo (IR+INFINITIVO). Este trabalho visa o estudo das formas de expressão do TF nos séculos XVIII, XIX e XX em textos escritos, observando se a tendência a perífrases constatada pelos estudos

¹ Seguindo a posição de Câmara Jr. (1969, p.20), entende-se como latim vulgar aquela língua usada no “intercambio diário”, à qual até mesmo os patrícios (pessoas que representavam o topo da pirâmide social romana) tiveram que aderir, enquanto que o latim clássico é aquele usado em textos escritos formais e, principalmente, literários.

citados também está presente na escrita. Em caso afirmativo, pretende-se observar como se dá a substituição da forma simples pela perifrástica: em qual momento, quais as causas lingüísticas e as possíveis causas extralingüísticas que ocasionaram essa substituição. No caso de não se verificar a preferência pela forma perifrástica, pretende-se observar se há especialização de contextos para cada uma das formas de expressão.

Antes, entretanto, de continuar o desenvolvimento do trabalho, cabe precisar que o é considerado, no presente trabalho, formas simples e formas perifrásticas.

Considerou-se perífrase, forma perifrástica ou forma analítica, o encontro de um verbo auxiliar com a forma nominal de um outro verbo, estando os dois em uma relação de interdependência.

Pode-se dizer que a principal relação de interdependência observada nas perífrases estudadas é a de tempo, que por extensão pode ser associada ao modo, uma vez que, em se tratando de futuro, assim como se verá mais adiante, não se pode falar em tempo sem se falar em modalidade.

Serão analisados apenas casos de perífrase em que o verbo principal ocorre no infinitivo, como nos exemplos de 1 e 2:

1. E o Sorema não VAI mais FAZER brincadeiras? Que nada meu, o negocio lá é sério.

A Comarca, 25 de Janeiro de 1975

2. ESCRAVA

Vende-se uma bonita mucama, sem defeito algum, de idade de 16 anos, o motivo da venda HÁ DE AGRADAR ao comprador. Rua do Seminario dos Educandos número 4.

Correio Paulistano, 24 de junho de 1879

O que se terá como forma simples do TF é aquela forma canônica, presente em todas as gramáticas, ou seja, aquela formada por um verbo+morfema gramatical, como em 3:

3. ATENÇÃO DONA DE CASA

Tudo o que a senhora precisar em roupas feitas para sua família e os mais lindos tecidos do Brasil, ENCONTRARÁ na conhecidíssima CASA GUARANI.

A Comarca, 25 de Janeiro de 1975

A análise de como a percepção do fator tempo sempre intrigou o homem e o quanto essa percepção contribuiu para o desenvolvimento da raça humana está descrita em 1, a discussão a respeito da impressão causada pelo futuro, na humanidade em (1.1), sua representação na língua em (1.1.1); a análise de que a incerteza presente na expressão do TF faz com que alguns o considerem mais um modo do que um tempo em (1.1.2); as formas de realização desse tempo no português brasileiro verificam-se em (1.1.3).

Na seção 2 está o embasamento teórico que norteou esse trabalho - A Teoria da Variação e Mudança Lingüísticas - além da contribuição dessa teoria para a sociedade (2.3). Os objetivos do presente trabalho e os procedimentos metodológicos adotados para sua concretização estão expostos na seção 3; a descrição e discussão dos resultados se apresentam na seção 4 seguidos pela conclusão na seção 5 e as referências na 6.

O trabalho também conta com um apêndice (seção 7) constituído por tabelas que trazem os números de ocorrências que originaram os gráficos e tabelas incluídos no corpo do texto.

1 O TEMPO

Assumindo que a língua é o reflexo do pensamento e visão de mundo de seus falantes, faz-se necessária, inicialmente, uma investigação sobre como nossa sociedade vê, não especificamente o tempo futuro, mas o tempo de uma forma geral.

A percepção da passagem do tempo foi um dos fatores cruciais para a sobrevivência da humanidade e o desenvolvimento da civilização; isso porque foi a partir daí que o homem pôde, através da observação, estabelecer épocas certas para plantio e colheita, períodos mais favoráveis à pesca; enfim, começou a medir o tempo e, através disso, instituir rotinas favoráveis ao seu cotidiano.

A princípio, o homem mediu o tempo por meio de marcas em ossos e gravetos, depois inventou o relógio de sol, que apesar de ter sido muito importante e útil, não era totalmente eficiente, pois só tinha utilidade durante o dia, isso, sem falar que não era em todos os dias, mas, apenas naqueles de sol. Além de tais inconvenientes, ainda não apresentava uma medida única de tempo, visto que a duração dos dias está sujeita a alguns fatores, como diferença entre as estações do ano, por exemplo.

Assim, depois de várias tentativas, o homem percebeu que tomar por base a rotação de corpos celestes para medir o tempo não era o melhor caminho, uma vez que seus movimentos não são totalmente regulares, nem indiferentes a determinados fenômenos.

Se tomarmos a Terra por base, vemos que “qualquer evento que envolva o movimento de massa afeta a rotação do planeta, de mudanças

climáticas a alguém que esteja dirigindo um carro”, segundo Benjamin Fong Chao, do Centro Espacial Goddard - NASA, ao explicar a diminuição de 2,68 microssegundos nessa rotação após o terremoto que abalou a Indonésia em 26 de Dezembro de 2004.

Desse modo, a solução foi o homem ir desenvolvendo sistemas cada vez mais complexos para a mensuração do tempo, até chegar aos relógios atômicos, que medem a oscilação imutável do átomo de césio, extremamente precisa, necessária e valorizada em nossa civilização, uma vez que a imprecisão de milésimos de segundo pode comprometer até mesmo a localização de navios e aviões.

Por que tanta valorização do tempo? Por que se preocupar tanto com algo tão indefinível, abstrato? Sabe-se medi-lo, mas não explicá-lo.

Ao longo da história observam-se filósofos, físicos, matemáticos, lingüistas, questionando-se sobre o tempo, cada um com suas próprias teorias, mas incapazes de chegarem a um consenso. Até mesmo na Bíblia há registros de questionamentos sobre a natureza do tempo e sua medida: “São os teus dias como os dias do homem? Ou são os teus anos como os anos de um homem?” questionava Jó² (cap.10, verso 5).

No livro dos Salmos (cap.90, verso 4), encontramos uma fala de Moisés³, que é como uma resposta ao questionamento de Jó: “Porque mil anos são aos teus olhos como o dia de ontem que passou e como a vigília da noite”. Mas, ainda incapaz de compreender a natureza do tempo, no

² Viveu na era patriarcal (1921- 1491 a.C.), entretanto, sua história foi escrita por volta de 1500 a.C. ou 600 a.C (CONCISO DICIONÁRIO BÍBLICO, 2002, p.105)

³ Viveu por volta de 1491 a.C. (CONCISO DICIONÁRIO BÍBLICO, 2002, p. 31).

verso 12 pede: “Ensina-nos a contar nossos dias de tal maneira que alcancemos corações sábios”.

Observa-se, então, que a natureza do tempo sempre inquietou o ser humano, fazendo com que homens de todas as épocas se voltassem a ele e chegassem ao ponto de crer que a sabedoria seria alcançada quando se aprendesse a medi-lo.

E, assim, passados tantos anos, estamos nós tentando ainda compreender um pouco mais desse fenômeno que afeta de maneira cabal o cotidiano do homem ocidental. Mesmo sabendo que “tudo tem seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu” (ECLESIASTES cap. 3 verso 1), muitas vezes sentimos um desejo poderoso de tentar manipular o tempo, fazendo-o ou parar no presente, ou querendo que o passado volte a ser presente ou, ainda, ansiando que o futuro transforme-se logo em presente.

Se a língua é a expressão do pensamento de quem a fala, e o reflexo de seu ser, provavelmente, todas as suas ansiedades, angústias, alegrias, são expressas por ela. E, se o conteúdo semântico do texto é o resultado da união de aspectos de todos os níveis da língua, então se pode dizer que a estrutura da língua, de alguma maneira, reflete também a herança cultural do homem que a fala.

Assim, uma das explicações para a propagação de uma forma perifrástica que se vale do presente do verbo IR+ infinitivo poderia ser o desejo de eliminar essa distância entre presente e futuro, hipótese sobre a qual falaremos na seção 4. É necessário, entretanto, que se entenda antes o que é o futuro.

1.1 O Futuro

O que é o futuro? Ele existe? Santo Agostinho (1984) diz que não, pois, se ainda não foi vivido, é algo inexistente.

Segundo a teoria de Santo Agostinho, não existe nada além de presente, uma vez que o passado já foi, e assim sendo, não existe mais. No entanto, a afirmação de Santo Agostinho pode ser contradita se afirmarmos que o passado existe guardado em nossa memória.

Mas o que é o passado memorial? Nada mais que fragmentos imprecisos, pois a realidade, inconscientemente, é filtrada, permeada de impressões e sentimentos que impossibilitam uma lembrança exata; o que permanece do passado são fragmentos.

Resta o presente. O que é o presente? Se o que era presente em um segundo atrás já é passado nesse exato momento, como medir o presente? Para Santo Agostinho, não existindo futuro ou passado, é impossível medi-los, designando-os longos ou breves. Chega a esta mesma conclusão ao tentar mensurar o presente, pois “este voa tão rapidamente do futuro para o passado, que não tem duração” (1984, p. 219).

Chegamos a um impasse: como falar em presente, passado e futuro, se nenhum parece existir de fato? Ao analisar a obra de Santo Agostinho, Fiorin (1994, p. 139) conclui que, para este estudioso, “a certeza de existência dos tempos está na linguagem”.

É na língua, então, que o homem é capaz de concretizar algo tão abstrato quanto o tempo; é através da linguagem que a passagem tão veloz de segundos e minutos é representada. As formas de representação variam,

uma vez que cada povo, cada cultura expressa o tempo de um modo, uns com mais e outros com menos nuances, mas a passagem do tempo é sempre representada pela língua.

Usando as distinções estabelecidas por Benveniste (1989, p. 84), pode-se dizer que o que importava para Santo Agostinho era o tempo lingüístico.

1.1.1 A REPRESENTAÇÃO DO TEMPO NA LÍNGUA

Antes de falarmos propriamente do TF na língua, falaremos, primeiramente, sobre a representação do tempo na língua, para, que se possa entender a representação do futuro.

Muitos são os estudiosos que discorrem sobre o assunto; da bibliografia consultada começaremos por Benveniste (1989, p.68-80).

Para o estudo da representação temporal no discurso, Benveniste apresenta três divisões básicas de tempo: tempo físico, tempo crônico e tempo lingüístico.

Tempo físico seria aquele linear, que segue em uma única direção, de um ponto dado ao infinito, segmentável, mas alheio aos acontecimentos que permeiam a vida do ser humano.

Tempo crônico seria “o tempo dos acontecimentos, que engloba também nossa própria vida enquanto seqüência dos acontecimentos” (p. 71); ou seja, todos os acontecimentos que permeiam a nossa vida estão na linha do tempo crônico, que por sua vez se insere na linearidade do tempo físico.

De um determinado ponto da história, como por exemplo, o nascimento de Cristo, considerado um “eixo estativo”, é que se organizam os acontecimentos em antes e depois. Essa organização poderá ser feita através de unidades de medida como dias ou séculos.

É por meio do tempo crônico que se pode localizar, por exemplo, o ponto da história em que estamos localizados, tomando algum “eixo estativo” por base. Para melhor exemplificação, imaginemos a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500 d.C.: estamos localizados a 506 anos desse ponto. Se o eixo, entretanto, for o próprio nascimento de Cristo então a nossa localização corresponderá a dois milênios depois; ou, se usarmos “século” como unidade de medida, poderemos dizer que vivemos 20 séculos depois.

Para Benveniste (1989, p. 71), a diferença fundamental entre os dois tempos acima mencionados consiste na direcionalidade de suas linhas norteadoras: enquanto o tempo físico é unidirecional, o crônico é bidirecional: a partir de um determinado acontecimento pode-se seguir tanto em uma direção quanto em outra, pois acontecimentos “não são o tempo, eles *estão* no tempo”.

Já o que “o *tempo lingüístico* tem de singular é o fato de estar organicamente ligado ao exercício da fala” (BENVENISTE, 1989, p. 74, grifo do autor); é a partir desse momento que se organiza o que vem antes e depois como passado e futuro. Ao contrário do que acontece no tempo crônico que tem um momento histórico como ponto estativo, aqui esse ponto é o momento da fala.

A partir do momento da enunciação pode-se reportar ao passado, ou então ao futuro. Na realidade, o tempo lingüístico é a forma de se representar os outros dois tempos: só por ele é que o homem é capaz de expressar acontecimentos ou experiências que estão inseridos nos outros dois tempos. Vale lembrar, entretanto, que as formas de representação variam de língua para língua, uma vez que essas estão relacionadas à visão de mundo de cada povo.

Graficamente, poderíamos representar a divisão proposta por Benveniste da seguinte forma:

Tempo físico

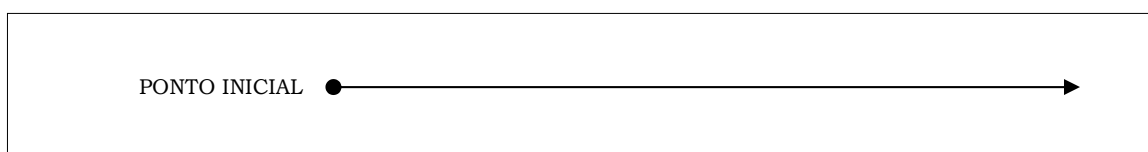


Figura 1

Tempo crônico

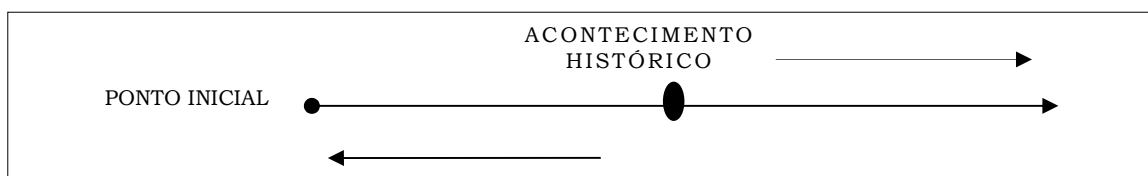


Figura 2

Tempo lingüístico

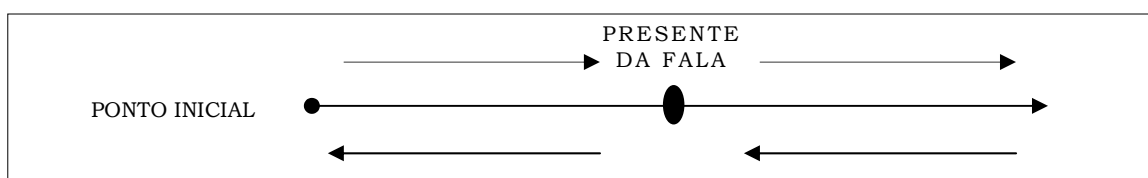


Figura 3

Lyons (1979, p.320) não faz distinções explícitas entre “tempos”: suas afirmações estão direcionadas ao que Benveniste, denominou tempo

lingüístico. Entretanto, percebe-se que ele diferencia o tempo lingüístico ao qual denomina de tempo gramatical de um outro “tempo que existe na natureza”.

Para este estudioso, o tempo gramatical é uma categoria dêitica que não está baseada na relação de oposição entre presente, passado e futuro. Na realidade, o que ocorre é uma relação do tempo expresso na frase com o momento do enunciado que é o “agora”; entretanto, tal “agora” poderia ser agrupado tanto ao passado, quanto ao futuro. Desta relação resultaria a distinção entre passado e não-passado, presente e não-presente, além de uma outra categorização que poderia ser descrita como próximo, não-próximo e remoto.

Já a posição de Mateus et al. (1983, p.76), com relação ao tempo é a de que essa categoria lingüística relaciona o intervalo da enunciação com o “intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito” e que essa relação está gramaticalizada nos tempo verbais, podendo ser descritas, também de outras formas, como por exemplo, por expressões adverbiais de tempo.

As autoras descrevem o presente como simultâneo ao intervalo de tempo que contém o estado de coisas descrito, o passado como sendo anterior e o futuro como posterior.

Ainda fazem uma distinção entre o discurso falado e o escrito, as colocações acima se baseiam em uma enunciação oral, ou seja, as relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade têm como ponto de partida o momento da fala. Entretanto, se o discurso for uma narração

escrita, esse ponto de partida será “uma data (ou um equivalente semântico)”, (MATEUS et al., 1983, p.80).

De todas as propostas acima, sem levar em conta as particularidades presentes em cada análise, percebe-se que o momento da enunciação em relação ao momento da ação ou estado descritos é ponto essencial para o estudo do tempo na língua, pois as relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade parecem ter por base esse ponto axial.

Com relação à localização desse ponto é que as análises parecem divergir, uma vez que Lyons afirma que esse ponto pode ser transportado tanto para o presente quanto para o passado, possibilidade inadmissível para Benveniste (1989, p. 76):

É impossível deslocar este eixo referencial para o colocar no passado ou futuro; não se pode nem mesmo imaginar o que se tornaria uma língua na qual o ponto de partida da organização do tempo não coincidissem com o presente lingüístico na qual o eixo temporal fosse ele mesmo uma variável de temporalidade.

Benveniste (1989, p. 76) faz essa afirmação porque, para ele, o presente é o “[...] único tempo inerente à língua [...]”. Tal fato faz com que o presente seja implícito ao momento de enunciação, ao contrário do passado e do futuro que necessitam, sempre, de uma referenciação discursiva, além de não se relacionarem ao tempo, mas às “[...] visões sobre o tempo, projetadas para trás e para frente a partir do ponto presente [...]”.

Uma outra forma de explicar o tempo na língua é a proposta por Reichenbach (1948, apud CORÔA, 1985, p. 36), que, aliás, parece ser bastante apropriada, uma vez que, além do momento da enunciação e do

momento da ação ou estado descritos, verificados nos outros autores, insere um novo elemento na análise temporal – *reference*. Este possibilita uma explicação mais clara das relações de anterioridade, posterioridade e o momento da enunciação, além de formar um conjunto de combinações muito mais completo, abrangendo todas as possibilidades temporais da língua.

Reichenbach (1948, apud CORÔA, 1985, p. 36) determina três pontos para que se possa compreender o tempo de um enunciado: *event*, *reference*, *speech*, que no português foram traduzidos (ILARI, 1981, 2001; CORÔA, 1985; SILVA, 2002 e outros) como: (ME) momento do evento, (MR) momento de referência e (MF) momento da fala

Corôa (1985, p. 42), ao explicar esse três pontos, caracteriza-os da seguinte maneira: “ME é o momento em que se dá o evento”; MF é o “momento em que se faz a enunciação sobre o evento (processo, ação)”; MR é “o sistema temporal fixo com respeito ao qual se define simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte para contemplação do ME”.

Seguindo a divisão proposta por Reichenbach e seguida por Corôa (1985), o futuro do presente é representado pela seguinte fórmula: MF, MR - ME (momento de fala é simultâneo ao momento de referência, ambos anteriores ao momento do evento)⁴; o futuro do pretérito deveria ser representado pela fórmula MR-MF-ME (momento do evento é posterior ao momento de fala que é posterior ao momento de referência.)

⁴ O sinal da vírgula (,) corresponde a simultaneidade e o hífen (-) a anterioridade

1.1.2 FUTURO: TEMPO OU MODO

Há controvérsias quanto ao futuro ser tempo ou modo. Para alguns gramáticos, futuro é tempo: segundo Cunha (1970, p. 256), “[...] os três tempos naturais são presente, pretérito (ou passado) e o futuro [...]”. Entretanto, Mateus et al (1983, p. 86) relativizam a questão, afirmando ser polêmico dizer que futuro é um tempo mesmo quando gramaticalizado, visto que possui valor modal.

Outros estudiosos classificam o futuro mais como modo do que como tempo: Bybee (1985) afirma que as flexões de futuro são independentes das flexões de passado e de presente, pois as funções daquelas são mais modais e modalizadoras do que propriamente temporais; Lyons (1979, p.26) afirma que a “[...]“ futuridade” é uma noção em que se cruzam as distinções de modo e de tempo”.

Essas propostas se justificam pelo fato do futuro não ser tão certo como é o presente e foi o passado, pois nele “as proposições [...] são indeterminadas quanto ao seu valor de verdade [...]” (MATEUS et al, 1983 p.86). Assim, são as incertezas, as possibilidades que ocasionam a modalidade e modalização desse tempo.

Corôa (1985, p. 56), interpretando a teoria de Martin; Nef (1981), afirma que

[...] é justamente pelo lugar de ação do futuro ser no mundo do possível que optam por representar esse *tempus* não como uma continuação linear do passado, mas como um feixe de “mundos possíveis”.

Mais adiante afirma que

[...] como o movimento do futuro vai de um conjunto de mundos possíveis ($\mathbf{m}$)⁵ para um mundo que é ($\mathbf{m}_0$), mesmo interpretações modais se orientam para a certeza e esta cresce à medida que se aproxima dos empregos puramente temporais.

Enquanto o futuro caminha de um mundo de possibilidades para um mundo de certeza (pode-se dizer que aqui se fala do futuro do presente), o condicional (futuro do pretérito) faz o percurso inverso: “[...] parte uma base temporal, mais possível de ser, para um mundo altamente hipotético, passando pelo modal” (CORÔA, 1985, p. 58).

Desse modo, vê-se que não há como radicalizar e postular o futuro apenas como tempo ou como modo. Se postularmos o futuro apenas como tempo, o fato da ação expressa pelo verbo realizar-se ou não deixa de ser contemplado. Se, contrariamente a isso, levarmos em conta apenas o fato da ação ser ou não realizada, o momento de uma possível realização é que será desconsiderado.

Pode-se afirmar, então, que, com relação ao futuro, tempo e modo são partes que se completam.

1.1.3 O FUTURO E SUAS FORMAS DE EXPRESSÃO

À expressão do TF, no português, estão relacionados diversos fatores; a forma de realização é um deles, uma vez que além da forma sintética, na qual o futuro é expresso por um morfema, há, também, formas perifrásticas de realização, nas quais a futuridade é expressa por

⁵ ($\mathbf{m}$) corresponde a formas [+ modal] e ($\mathbf{m}_0$) a formas [+ temporal] (nota nossa).

um verbo auxiliar. A origem tanto de uma forma como de outra parece ter se dado já no latim.

1.1.3.1 Formas sintéticas e perifrásticas: uma questão de ordem

Segundo Said Ali (1964, p.76), “a história da formação do futuro português é comum a outras línguas românicas. Constituiu-se esta forma temporal com a junção do presente e pretérito de *habere* (haver) ao infinitivo”; assim a desinência modo-temporal - *ei*, como em *cantarei*, provém da forma *hei* do verbo haver.

Ilari (1992, p.62) afirma que essa forma do TF, também conhecida por futuro românico, “supõe uma influência clássica”, já que é típica do latim clássico a ordem *cantare hayo*, a qual teria dado origem ao nosso futuro sintético, enquanto a ordem comum ao latim vulgar seria *hayo cantare*, ou seja, auxiliar + infinitivo.

Desse modo, pode-se entender que a forma “cantarei” não é originária da variante vulgar, como era de se esperar, mas é resultado de uma volta ao latim clássico “[...]no período da chamada ‘renascença Carolíngia’[...]” (ILARI, 1992, p.62). Depois disso, o verbo *habere* teria se gramaticalizado a ponto de se tornar morfema marcador de TF.

Entretanto, Silva (2002), seguindo proposta de Fleischman (1982), afirma que, com relação ao posicionamento do auxiliar, o latim era maleável: aceitava tanto a anteposição quanto a posposição.

Da perífrase formada pelo auxiliar posposto teria se originado o futuro sintético como “cantarei”, que admitia a inserção de elementos entre o infinitivo e o auxiliar:

4. Um Extrangeiro de Nação Portugueza chegado ha pouco a esta Cidade, faz publico que abrirá sua loje de Alfaiáte, na rua do Carmo casa *número* 3 e como precise de Officiaes, annuncia a todos os conhecedores do dito Officio, que quizerem hir para a sua loje, que **PODER-SE-HÃO** dirigir á mesma casa no dia segunda feira 18 do corrente e seguintes: ficando certos que o Annunciante lhes satisfará a paga do seu trabalho o melhor possivel, excedendo sempre quaesquer interesses que lhes possão fazer em outras Tendas.

O Farol Paulistano, 13 de maio de 1829

Já da forma anteposta do auxiliar, tem-se como resultado formas perifrásticas, como observada no exemplo:

5. Amanhã se HADE PROCEDER a segunda arrematação dos bens do fallecido Coronel Antonio José Vaz: ha trastes de prata, livros, e mobilia: Quem n'elles quizer lançar dirija-se a casa do fallecido Coronel na Rua de São Bento.

O Farol Paulistano, 18 de março de 1829

Apesar de outras línguas originárias do latim terem optado por outros modais para formarem futuro⁶, percebe-se que, ainda assim, a forma sintética desse tempo obedece a ordem de INF + AUX.

O interessante é notar que, levando em conta o estágio atual de muitas línguas românicas, observa-se que o posicionamento AUX + INF também subsistiu. Essa forma, aliás, tem desfrutado posição

⁶ Como “[...] inf. + *debere* em sardo, y con la de inf. + *velle* (lat. Vug. *Volere*) em rumano [...]” Coseriu, 1977 (p.20)

hegemônica em relação à ordem INF + AUX (forma sintética), como já apontam os estudos de Görski et al. (2002) e Silva (2002).

A ordem AUX + INF tem se mostrado bastante produtiva, porém, não com o auxiliar HAVER, mas, com o IR.

A produtividade da forma HAVER + INF parece estar em processo de declínio no português; tal afirmação se fundamenta nos resultados obtidos nesta análise e pela afirmação de Mateus et al (1983, p. 284) de que “[...]o verbo *haver*+de+infinitivo e o verbo *ir*+infinitivo são utilizados para exprimir o futuro [...]”, sendo que “[...]o verbo *haver* como auxiliar dos tempos compostos deixou de se utilizar na linguagem coloquial [...]”.

A ocorrência de IR + INF, entretanto, não se restringe apenas ao português: o francês, o italiano, e o espanhol também apresentam esse verbo como formador de perífrase de futuro. Silva (2002, p.66), aponta para o fato de que no espanhol americano se registra a forma “*yo vadormir*” ao que o autor denomina como um “processo de flexão prefixal” da forma “*voy a dormir*”, o que indicaria o quanto essa construção está integrada no sistema da língua.

1.1.3.2 Causas para a inserção da forma perifrástica no latim

Segundo Coseriu (1977 p. 16), a explicação para a inserção de novas formas de expressão do futuro no latim se deveu tanto a causas morfológicas, estilístico-semânticas, como históricas.

Os problemas morfológicos do futuro sintético se explicam,

[...] por formarse de dos maneras distintas en las cuatro conjugaciones y por coincidencia con el subjuntivo presente en la primera persona de las conjugaciones 3ª y 4ª (...). En latín “vulgar”, además, se confunden a menudo [w] y /b/ y con ello surge la confusión de ciertas formas del futuro con las correspondientes del perfecto de indicativo (así: amabit-amavit) [...].

Já os problemas estilístico-semânticos, segundo o mesmo autor, podem ter como explicação o fato de as formas sintéticas de futuro não servirem mais à necessidade expressiva dos falantes; diante disso, seguindo a tendência do latim vulgar em transformar fatos expressos pela forma sintética em formas analíticas, valeram-se de perífrases modais para a expressão do futuro.

A causa dessa necessidade expressiva, com que se deparou o falante, ou o despertar para a confusão das formas morfológicas justamente nesse período teve uma causa maior, pois, para Coseriu, as mudanças estão atreladas ao momento histórico em que ocorreram.

Assim, o que realmente teria desencadeado as mudanças no TF seria o advento do Cristianismo, pois, a partir daí, o homem começou a se relacionar mais cuidadosamente com o seu futuro “[...] con consciente responsabilidad, como intención y obligación moral[...]” (Coseriu, 1977, p. 34). Esse cuidado faz com que o falante modalize muito mais suas declarações, valendo-se das perífrases.

Serafim da Silva Neto (1979), entretanto, não cita, propriamente, o cristianismo como fonte para a inserção de novas formas de expressão de futuro; o que parece ser relevante a este estudioso é um conjunto de fatores que se sobrepuseram nesse momento da história: a ruína do mundo antigo resultou no surgimento de uma nova mentalidade, uma vez que, a

placidez do mundo clássico, foi substituída por “[...] profundas preocupações religiosas[...]” o que levou à “[...]perda da posição objetiva em relação ao futuro[...]”. Ou seja, um solo fértil para discursos modalizados germinarem.

Qual seria a relação da queda do mundo clássico com as preocupações religiosas? O que levaria Coseriu e Neto a fazerem tal relação com a língua? Para compreender essas relações é necessário que se entenda, primeiramente, como era organizada a crença dos romanos.

Fougères (apud BORNEQUE; MORNET, 1976 p. 67) explana que a religiosidade dos romanos estava profundamente atrelada ao Estado, os rituais aos deuses eram atos cívicos:

[...] a religião nunca deixou de ser o laço mais forte da cidade romana; com esta identificou-se a tal ponto que foi uma forma de patriotismo. Os interesses de uma eram os da outra, tanto para o cidadão quanto para o Estado, o temor dos deuses era o princípio de toda sabedoria e o ponto de partida para toda atividade política [...]

Com a queda do império (476 d.C.), não é de se estranhar que a religiosidade também ficasse abalada. Esse processo já se inicia de fato, desde que o próprio imperador Teodósio I, em 380 d.C., declarou que a religião oficial do império era o Cristianismo, que tem por princípio primeiro o monoteísmo, indo de encontro a toda tradição românica.

Entretanto, não se pode justificar a inserção de formas perifrásticas na expressão do futuro apenas porque mudanças religiosas se operaram; elas realmente ocorreram, mas o que parece ser muito importante nesse momento era a incerteza com relação ao futuro, associada

nem tanto à religião, mas, principalmente, à organização social. Ora, um império de séculos ruíra.

Não se pode dar todo crédito ao momento histórico para a formação de perífrases, como bem aponta Fleischman (1982, p. 47). Na realidade, apesar de não poder desconsiderá-lo, também há que se levar em conta que a língua latina possuía um longo histórico em que síntese e análise se alternavam.

Profundas mudanças sociais acabam por gerar mudanças na língua, como já foi provado por muitos estudos, (aprofundaremos essa questão na seção 2). Assim, cremos que a inserção das formas perifrásticas pode ser atrelada ao contexto histórico, sem, todavia, se desconsiderar a tendência à análise na expressão do futuro, já observada na língua. Poderíamos dizer, então, que o momento histórico foi a força propulsora da expansão de uma característica já presente na língua.

1.1.3.3 Formas perifrásticas e sintéticas no TF: ciclicidade?

Alguns autores falam na ciclicidade do TF nas línguas românicas (FLEISCHMAN, 1982; ARAÚJO, 2003), pois a forma *amabo* do latim clássico, segundo Fleischman (1982, p. 34) já era uma síntese de *am-a-bhwo* do latim arcaico, daí passou a perifrástico ainda no latim; depois, na transformação do latim para as línguas românicas, apresentou-se como sintético e, agora, no estágio atual dessas línguas, o TF apresenta tendências perifrásticas, novamente.

Se considerarmos as formas analíticas do latim que se inseriram na língua para expressar características modais, observamos que, com o passar do tempo, essas formas analíticas se gramaticalizaram, transformando-se em formas sintéticas. Essa gramaticalização fez com que as características modais expressas por elas ficassem esquecidas, tornando necessária a inserção de novas perífrases.

É esse o panorama visualizado no momento atual do português e de algumas línguas românicas. Assim, o ciclo teria se fechado, ao menos temporariamente.

É importante salientar que, se levarmos em conta as idas e vindas de formas perifrásticas e sintéticas, realmente temos um ciclo perfeito. Entretanto, se, por outro lado, for levado em conta, também, o valor modal das perífrases, então o ciclo não se fecha tão perfeitamente.

A forma perifrástica que está em verdadeira concorrência com a forma sintética não é formada por um verbo modal + infinitivo. O que se observa são formas perifrásticas modais ocorrendo de acordo com a necessidade de expressão do falante por um lado, e a concorrência da forma sintética com uma perifrástica (ir + infinitivo) muito mais temporal do que modal, por outro; ou seja, uma forma que parece estar muito mais próxima do $m_{(0)}$.

Fleischman (1982, p.82) afirma que, por volta dos séculos XIII e XIV, foi possível encontrar a presença da perífrase formada por IR + INF em espanhol, francês e português, entretanto, as características que particularizavam essa perífrase, justificando a sua inserção dentro do sistema como forma de expressão de futuro não eram questões modais,

mas aspectuais de iminência. Tal característica não apenas confirma as características dessa perífrase atualmente, que é a de estar muito mais próxima de m_0 , como aventa o questionamento sobre a existência de um ciclo perfeito.

Se, além da alternância entre síntese e análise nas formas de expressão do futuro, também se verificassem semelhanças quanto aos sentidos constituídos e, por extensão, nas causas que possibilitaram a inserção de novas formas, nesse caso, poderia se falar em ciclicidade perfeita. Entretanto, como se observou, a motivação para formas perifrásticas no latim teria sido a modalização, enquanto que nas línguas românicas seria a aspectualidade.

Uma hipótese para a inserção dessa forma no português seria a tendência natural em metaforizar fatos [+concreto], como o deslocamento no espaço expresso pelo verbo IR, para fatos [-concreto], como o deslocamento no tempo (HEINE, 1991, p. 46).

Essa hipótese parece ser bastante plausível, pois já se observou o mesmo fato em outras línguas, tais como as demais línguas românicas e o inglês.

Assim, podemos concluir que muitos são os aspectos a serem observados no estudo do tempo futuro, mais especificamente daquele expresso pela língua portuguesa.

A questão da forma perifrástica, que, se poderia julgar uma inovação do estágio atual da língua, uma vez que nossas gramáticas

focalizam apenas a forma sintética de expressão desse tempo verbal, é na realidade uma característica observada desde os primórdios do latim.

Desse modo, faz-se necessário um estudo que aborde o uso de formas perifrásticas, principalmente IR+INF, em estágios da língua anteriores ao atual. O intuito desse estudo deve ser uma análise dessa perífrase, que parece ser tão contemporânea à língua, mas que, todavia, pode ter sua inserção na língua em estágios bem anteriores ao presente.

Além disso, há de se considerar para o estudo do tempo futuro a questão da intersecção entre tempo e modo, uma vez que tais características podem ajudar a explicar o emprego de formas sintéticas e perifrásticas, observando a possibilidade de uma especialização de contexto para cada uma das formas.

Além dos aspectos de natureza morfológica, sintática (ordem) e semântica, uma outra questão que não pode ser ignorada no estudo da expressão do tempo e em especial do futuro é a questão da visão de mundo que os falantes têm no momento histórico abordado: apesar de tal correlação não ser simples, nem imediata, nem absoluta, ela não deve deixar de ser buscada, uma vez que já ajudou a explicar mudanças no paradigma futuro latino e pode ajudar a explicar eventuais mudanças no momento atual da língua.

2. TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA

A língua é o principal meio de interação social dentro de uma comunidade. É através dela que os integrantes de tal comunidade expressam seus sonhos, angústias, medos e alegrias da maneira mais precisa, isso porque a língua dá aos falantes elementos capazes de exteriorizar seus pensamentos.

Os falantes de uma língua, entretanto, não utilizam um “produto” de sua própria criação, mas valem-se da herança deixada por seus pais que, por sua vez, também a receberam de seus próprios progenitores; ou seja, a língua é um bem cultural passado de geração para geração.

Sendo um bem comum a todos os integrantes de uma comunidade, seria de se pensar que todos teriam o mesmo conhecimento da língua, além de que utilizariam esse bem da mesma forma, sem nunca tirar, acrescentar ou modificar nada; no entanto, tal fato não corresponde à realidade.

Pensando, por exemplo, na sociedade brasileira atual, vê-se que é possível representá-la por uma pirâmide, na qual a base constitui-se pela grande maioria da população e o topo é formado pela minoria detentora do poder; o contexto social em que vive cada uma dessas pessoas é completamente diferente, logo, o uso que farão da língua também não será igual.

Tal fato leva à conclusão de que esse bem cultural deixado como herança pelos pais de quem está no topo e de quem está na base será o mesmo em linhas gerais, uma vez que é a mesma língua, o mesmo sistema,

entretanto, cada um com especificidades próprias das realidades que retratam, ou seja, uma mesma moeda com faces diferentes, nem melhor e nem pior, mas, diferentes.

A moeda, na realidade, ilustra apenas o contraste entre os dois extremos da escala social, pois se pensarmos no espaço entre essas duas extremidades veremos que a moeda não constitui uma metáfora perfeita; uma figura geométrica multifacetada seria uma representação mais adequada do que é, na realidade, a língua.

As diferenças no emprego da língua não refletem apenas as desigualdades sociais, como se poderia pensar, na realidade elas refletem o próprio indivíduo: se tomarmos dois casais que cresceram em casas vizinhas, trabalham na mesma empresa desempenhando as mesmas funções e tendo os mesmos amigos, ainda assim, o uso que farão da língua não será idêntico, uma vez que esta não é reflexo apenas do meio em que o falante vive, mas é reflexo do próprio falante e das condições de comunicação no momento de sua fala.

Vale salientar, entretanto, que apesar de cada falante fazer um uso particular da língua, a sua individualidade apenas será observada em contextos reais de fala, ou seja, só se nota a individualidade dentro de um grupo, o que impossibilitaria fazer um estudo de língua baseado apenas na intuição lingüística do pesquisador ou baseado na fala de um único falante.

A diversidade presente no falar dos indivíduos corresponde à formas variadas de expressão, sendo que as variações podem atingir todos

os níveis da língua: fonético-fonológico, morfológico, sintático e semântico.

Diante dessas colocações, é provável que se associe a língua a algo disforme, confuso, incapaz de ser compreendido ou sistematizado. Entretanto, essa imagem não reflete a realidade, pois na heterogeneidade há sistematização.

Apesar de uma língua contar, muitas vezes, com milhões de falantes e, logo, com inúmeras particularidades lingüísticas em cada um, ainda é possível sistematizar o uso de uma língua, organizando o aparente caos gerado por tais particularidades, uma vez que, por não serem totalmente diferentes umas das outras, possibilitam o agrupamento de milhões em muito pouco. Na realidade, o que torna o indivíduo um ser único não é apenas uma característica, mas a combinação de várias, que sendo analisadas individualmente acabam podendo ser rearranjadas.

Para uma melhor exemplificação, podemos imaginar um indivíduo que ama a música clássica e “*heavy metal*”; dificilmente se encontrará um outro com os mesmos gostos, mas, individualizando cada uma de suas preferências musicais, podemos agrupá-lo com pessoas que amam música clássica e com pessoas que amam “*heavy metal*”. Desse modo, apesar de não encontrarmos alguém totalmente igual, ainda assim, esse indivíduo também não é totalmente diferente: há nele algo de comum a outros.

Essa mesma situação pode ser usada para analisar a fala de um indivíduo: a combinação que faz das formas variantes pode ser única, mas, ao analisá-la, poderemos observar que a fala desse indivíduo tem muita coisa em comum com a de outros, reduzindo, assim, o leque de

particularidades presentes em uma comunidade de falantes e possibilitando notar as semelhanças sociais entre os falantes que fazem uso de uma mesma forma variante, sistematizando a heterogeneidade.

2.1 O estudo da variação lingüística

Muitos foram os lingüistas que reconheceram a multiplicidade de formas na língua para um mesmo fenômeno como reflexo da organização social. Labov (1983, p.332) cita Meillet e Jerpersen, entre outros. Entretanto, segundo ele, muitos foram aqueles que deixaram a questão social de lado, centrando seus estudos em fatores puramente internos; fazem parte desse grupo: Bloomfield, Chomsky e Halle, entre outros.

Labov, entretanto, não se identificando com o segundo grupo, pois tinha convicção de que a língua é produto de contratos sociais e reflexo dos indivíduos que fazem uso dela, parte, então, para a tentativa de sistematização daquilo que era considerado o caos.

Labov acreditava que o estudo de um sistema abstrato, ideal, mas, todavia, irreal, não era o bastante para se compreender a língua. Na realidade, se uma estrutura considerada “agramatical” fazia sentido para o falante, era premente que se fizesse um estudo levando em consideração a verdadeira função da língua, ou seja, a interação social. Para isso não se poderia desconsiderar o contexto histórico, as pressões sociais vividas pelo falante no momento de sua elocução.

Assim, Labov foi o primeiro a mostrar que o estudo da língua sem desconsiderar o social era possível e necessário, uma vez que os

resultados de suas pesquisas mostraram que as formas variantes na língua, na maioria das vezes, estão relacionadas a fatores extralingüísticos.

Através da análise empírica, foi provado que variações encontradas em uma comunidade de fala são muitas vezes desencadeadas pelas condições sociais em que vive tal comunidade, além de que muitas vezes o próprio contexto de comunicação interfere na escolha das formas utilizadas.

Os estudos desenvolvidos por Labov deram origem a um modelo teórico-metodológico conhecido como “Sociolingüística”, denominação, aliás, redundante, segundo o próprio estudioso, uma vez que, para ele, não há como pensar em lingüística desvinculada do social, uma vez que:

El lenguaje es una forma de comportamiento social: cualquier texto introductorio puede proporcionar afirmaciones en este sentido. Los niños que crecen aislados no lo utilizan; es usado por seres humanos en un contexto social para comunicarse sus necesidades, ideas y emociones unos a otros” (Labov, 1983 p.235)

Além de “Sociolingüística”, a proposta de Labov é também conhecida como “Teoria da Variação e Mudança”, pois muitas variações, encontrando contextos sociais e lingüísticos favoráveis, acabam por gerar mudanças. Desse modo, pode-se concluir que qualquer mudança na língua pressupõe uma variação, já o inverso não se aplica.

A Sociolingüística tem suas bases fundamentadas na pesquisa empírica, pois se percebeu que, a partir da coleta de dados e análise da língua vernácula de uma comunidade é possível identificar a sistematicidade nela presente, ordenando o aparente caos gerado pela

presença de formas variantes representativas de um mesmo fenômeno, e, associando essas formas à organização social da comunidade.

Assim, constatou-se que formas variantes, geralmente, não convivem em um ambiente pacífico, estando, muitas vezes em situação de concorrência.

As mudanças lingüísticas ocorrem apenas após um período de variação entre a forma já existente, muitas vezes canonizada pela norma, e uma outra, ou, outras formas que por algum motivo se inserem na língua.

Essas formas inovadoras, entretanto não se inserem em todos os contextos possíveis à forma conservadora, mas, primeiramente, se restringem a alguns. Isso porque há fatores que condicionam o uso dessas formas ou que o bloqueiam: quando uma forma suplanta outra, significa que ela ampliou seus contextos de atuação e que fatores antes desfavoráveis ao seu uso acabam por deixá-la.

Os motivos que ocasionam a inserção de novas formas na língua, estão, geralmente, atrelados a uma “falha” na significação expressa pela forma canônica. A forma já existente pode, muitas vezes, ser empregada em tantos contextos, que enunciados expressos por ela podem tornar-se ambíguos, ou, então, com o uso, algumas das particularidades de formas conservadoras acabam se “apagando”, tornando necessária a criação de novas formas; há ainda situações em que informações expressas pela forma já existente deixam de ser necessárias ao falante, assim sendo, este opta por seu apagamento.

A permanência de formas inovadoras na língua por meio da especialização a determinados contextos, ou da vitória sobre a forma já existente vai depender da avaliação que a comunidade de falantes fará sobre elas.

Geralmente, a variante conservadora é a que goza de maior prestígio⁷ entre os falantes; assim, a inovadora é muitas vezes estigmatizada, taxada de feia, de errada, principalmente se os grupos que mais fazem uso dela não gozarem de *status* elevado na comunidade. Entretanto, muitas formas inovadoras, apesar de terem sido rejeitadas a princípio, acabam subsistindo, e, com o passar do tempo, são aceitas em detrimento da forma conservadora.

Os fatores que condicionam a escolha que o falante fará entre as formas variantes poderão estar associados tanto a características internas da língua quanto a elementos extralingüísticos.

Entende-se por elementos extralingüísticos tudo aquilo capaz de refletir as estruturas sócio-econômicas e culturais da comunidade de fala: idade, sexo, escolaridade, classe econômica, etc.

A análise dessas variáveis extralingüísticas tem se mostrado bastante relevante para os estudos, pois se observou, por exemplo, que, enquanto a fala das crianças é mais passível de variação, a fala da população mais idosa é mais resistente.

A classe social, que pode estar diretamente ligada ao nível de escolaridade, também tem revelado associações bastante interessantes nas

⁷ Nem sempre a forma **inovadora** é rechaçada quando se insere na língua, pois tudo depende de qual foi o fator que ocasionou a entrada dessa forma na língua, quais as características sociais veiculadas por esta forma.

análises (OLIVEIRA E SILVA; PAIVA, 1996 e MONTEIRO, 2002). Tais fatores não poderão, entretanto, ser testados no presente trabalho uma vez que o *corpus* de análise constitui-se de língua escrita, o que dificulta observações dessa natureza⁸.

Processos histórico-culturais da comunidade estudada também são considerados fatores externos à língua, isso porque, muitas vezes os fatores internos dão margem à inserção de formas variantes, entretanto, a possibilidade de escolher ou não entre uma forma e outra pode estar relacionada a algum fator histórico vivenciado pela comunidade.

Labov foi quem chegou a esta conclusão em seu clássico estudo sobre o falar de Martha's Vineyard (LABOV, 1963), no qual constatou que a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ no falar dos moradores da ilha estava relacionada com a tentativa de marcar ou não sua identidade para os turistas que freqüentavam o local.

Não basta, então, apenas constatar quantitativamente que determinada forma variante se implementou no sistema lingüístico de uma língua; tem que se levar em conta que essa implementação pode estar relacionada ao momento histórico vivenciado pelos falantes, além de poder informar algo a respeito desse momento.

⁸ No presente trabalho os fatores extralingüísticos a serem observados serão aqueles relacionados à conformação social numa perspectiva histórica, e não um detalhamento de idade, escolaridade, sexo, dos informantes/autores dos textos analisados.

2.2 As mudanças lingüísticas

Quando a predominância de uma das variantes que estavam em concorrência começa a suplantá-la o uso de outra, ou quando cada uma delas se especializa em um determinado contexto, então estamos falando em mudança.

Os estudos sociolingüísticos baseiam-se principalmente no estudo de língua falada, uma vez que o objetivo é a observação da língua vernácula em seus contextos de uso, as características sociais do falante; o que não impossibilita o estudo em língua escrita, desde que o *corpus* a ser estudado seja composto por textos que façam parte do mesmo gênero e que alguns cuidados sejam tomados.

Como observar possíveis processos de mudança em um estudo de língua falada, sincrônico, uma vez que dificilmente se encontram registros de fala anteriores de uma mesma comunidade?

Sabendo que nem sempre variação resulta em mudança, uma estratégia para observar a possibilidade da existência de uma mudança em curso é a análise do fenômeno estudado segundo as faixas etárias dos falantes. A presença significativa de uma das variantes em detrimento das outras nos falares dos mais jovens pode indicar que tal forma deve estar vencendo a concorrência. A esta situação dá-se o nome de mudança em tempo aparente.

Uma outra maneira de se sistematizar as mudanças é através do estudo diacrônico, no qual, através de uma análise comparativa entre vários momentos históricos, se detectam formas consideradas a princípio

como inovadoras, se instaurando na língua e tornando-se a forma dominante; ou seja, observamos pelo estudo diacrônico a mudança lingüística em tempo real.

Esse estudo se mostrou uma ferramenta bastante importante para detectar mudanças, e, principalmente, para tentar relacioná-las com os processos históricos da comunidade estudada, uma vez que tais processos são melhor compreendidos quando observados através da distância temporal.

2.3 A contribuição da sociolingüística fora do meio acadêmico

O que fazer com os resultados de pesquisas que comprovam que há sistematicidade na variação? Que o conjunto de formas diferentes para expressar um mesmo fenômeno é reflexo da comunidade de falantes? Que as variações se inserem na língua como um processo natural, desencadeado muitas vezes por questões sócio-culturais? Qual a contribuição que a Sociolingüística deu aos estudos de línguas, nesse sentido? A contribuição seria apenas acadêmica ou é possível inseri-la em um campo maior? Tais questões são colocadas quando nos perguntam a finalidade do nosso estudo.

Pode-se dizer que, com os estudos sociolingüísticos, provou-se que as variações e mudanças na língua não chegam para melhorá-la ou piorá-la, como pregam alguns; na realidade as variações ocorrem como reflexo da estrutura das comunidades de fala, e, se as estruturas se

modificam por algum processo histórico, logo, haverá mudanças em suas formas de expressão.

Cabe fazer tal verdade chegar até as escolas, para que se evite ao menos um dos preconceitos que permeiam a nossa sociedade, e se mostre que os alunos podem não ter conhecimentos da gramática normativa, mas que nem por isso são ignorantes com relação à sua própria língua materna ou que são incapazes de produzirem um discurso coerente.

3 OBJETIVOS, HIPÓTESES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os objetivos do trabalho buscam a confirmação, ou não, das hipóteses que nos levaram ao estudo do tempo futuro numa perspectiva de mudança em tempo real⁹; os procedimentos metodológicos adotados foram aqueles que julgamos capazes de levar-nos à concretização dos objetivos, como se verá adiante.

3.1 Objetivos

Como se verificou até o momento, variadas são as formas de expressão do TF no português, uma vez que a relação síntese-análise parece estar, desde os primórdios da língua, em concorrência para representar esse tempo.

O presente trabalho tem por objetivo, então, determinar através da análise de textos semi-formais¹⁰:

- A distribuição das formas variantes da realização do TF (presente e pretérito), em parte da região sudeste do Brasil;
- Quais os fatores que explicam essa distribuição;

⁹ Verificar em 2.2.

¹⁰ A respeito de texto semi-formal, Travaglia (1996) afirma que “corresponde na escrita ao coloquial, mas tem um pouco mais de formalidade que este”. Apresenta uma “forma de língua que encontramos, por exemplo, em cartas comerciais e de recomendação, declarações, reportagens escritas para leitura de locutores em rádio e TV, relatórios e projetos”

- Em que medida o período analisado contribuiu para um possível processo de mudança na expressão do TF.

Analisando como se distribuem as formas variantes do TF português pretende-se determinar quais são essas formas e que características cada uma delas apresenta, observando se essas eram as mesmas de quando se inseriram na língua.

Como já se afirmou na seção 2, geralmente, formas variantes estão numa relação de concorrência que pode resultar na hegemonia de uma das formas ou na especialização de contextos para cada uma dessas formas. Assim, o presente trabalho realizou uma análise de como se comportam as formas variantes do TF no *corpus* estudado.

As relações de concorrência estão sempre relacionadas a determinados fatores, que podem ser internos à língua, mas, também, externos a ela; a determinação de tais fatores é, então, imprescindível para que se possa compreender o comportamento das formas variantes.

São os fatores condicionadores que, além de determinar como se distribuem as variantes, evidenciam possíveis processos de mudança, como a especialização de uso de uma das formas ou a preferência de uma em detrimento de outra.

Como o *corpus* analisado contempla três séculos, considerou-se provável encontrar processos de mudança implementados ou a caminho da implementação na língua.

Desse modo o trabalho visou observar qual é a contribuição que cada um desses três séculos deu no sentido de impulsionar ou refrear esses processos.

Esses objetivos visavam a confirmação, ou não, das hipóteses de que (i) a perífrase IR + INF, além de ter presença marcante na fala como já mostraram outros estudos, também está presente em textos semi-formais, do estágio atual da língua, e que (ii) por ser tão freqüente na língua falada atual, essa perífrase já poderia ser encontrada em textos de estágios mais antigos da língua.

Uma terceira hipótese com a qual se trabalhou era que, estando a perífrases IR+INF em evidência no português atual, então, a forma sintética poderia ter se especializado em determinados contextos.

3.2 Procedimentos metodológicos

Seguem os procedimentos metodológicos adotados, para a concretização de um trabalho com resultados uniformes e não enviesados.

3.2.1 O *CORPUS*

A formação do *corpus* tinha como meta o agrupamento de textos capazes de representar o vernáculo da língua de cada momento estudado, de modo que foram descartados, desde o princípio, os textos literários.

A literatura comumente apresenta personagens que poderiam representar falantes da língua vernácula; entretanto, nunca poderíamos ter a certeza de que a fala usada por tais personagens é a representação fidedigna de falantes reais. Na realidade, a fala dessas personagens pode

ser apenas a representação de um ideal do autor, a projeção do que ele julga ser o falar de pessoas representadas por essas personagens.

É claro que, em última instância, pode-se valer de tais textos, mas o objetivo no presente estudo foi reunir um *corpus* mais real, formado pela fala de um falante real, em algum momento da história.

Entendeu-se, então, que os relatos das viagens dos bandeirantes poderiam ser uma fonte bastante interessante para a coleta de dados do século XVIII.

Os relatos de viagens utilizados para a coleta de dados fazem parte de uma coletânea de textos organizada Affonso de E. Taunay sob o título **Relatos Sertanistas** [1953?], além de uma outra também organizada pelo mesmo Taunay denominada **História das Bandeiras Paulistas**, [1961?] no qual há o relato das monções, que eram expedições saídas de São Paulo usando rotas, principalmente, fluviais.

Essas expedições começaram a ser organizadas a partir do momento em que os paulistas perderam o domínio sobre as jazidas do território de Minas Gerais, e, como alternativa, começaram a buscar metais e pedras preciosas em outros lugares. Assim, chegaram até as jazidas de Mato-Grosso e Goiás; tal descoberta é que originaram as chamadas “monções”.

Tanto os **Relatos Sertanistas** quanto os **Monçoeiros** são descrições, feitas por um dos integrantes do grupo, sobre a paisagem e as peripécias ocorridas durante a viagem. As descrições sobre os territórios por onde passam são, muitas vezes, tão minuciosas que chegam parecer como desenho de rotas para viagem posteriores.

Com relação às peripécias do grupo é possível encontrar desde quase afogamento nos rios, combates com os índios, até batalha contra os mosquitos, falta de comida suficiente, enfim, situações de perigo e de infortúnio não faltam nesses textos.

Labov (1983, p.133) aponta para o fato de que quando um falante relata uma situação de perigo e, principalmente, quando, no entender do falante, tal perigo poderia tê-lo levado à morte, acaba por integrar ao seu discurso a tensão emocional vivida no momento relatado e, assim, deixa de policiar tanto sua fala, e faz um uso mais acentuado do vernáculo da língua. Como o material acima mencionado apresenta tais situações, o consideramos uma boa fonte dados para o século XVIII.

O *corpus* analisado no século XIX abrange os anúncios de jornais do Estado de São Paulo presentes em “**E os preços eram commodos** – Anúncios de jornais brasileiros – século XIX”, (GUEDES; BERLINCK, 2000). Tais anúncios são provenientes de jornais da capital e do interior paulista, ou seja, de jornais de grande e de pequena circulação.

Para o século XX, as fontes de dados incluem anúncios, propagandas e colunas sociais e esportivas colhidos em fontes diversas, tais como, o jornal “A Comarca” da cidade de Matão, com circulação restrita ao município, e, revistas de fofocas de grande circulação. Temos então, para o século XX, fontes de grande e de pequena circulação, assim como no século XIX, constituindo, assim, um conjunto de dados o mais homogêneo possível.

A escolha desse material tem o objetivo de traçar um panorama da expressão do TF em língua escrita semi-formal de parte da região sudeste do país.

3.2.2 POR QUE OS SÉCULOS XVIII, XIX e XX?

Tarallo (1993, p.99) afirma que “mudanças lingüísticas dramáticas aconteceram na passagem do século XIX para o atual” no português usado no Brasil, de modo que “um novo sistema gramatical emergiu (...), estabelecendo uma nova gramática radicalmente diferente da modalidade lusitana”.

Diante disso, a proposta inicial deste trabalho seria traçar um panorama das variações e possíveis mudanças ocorridas no TF, com base em análise de dados dos séculos XIX e XX. Entretanto, como se pode observar por considerações anteriores, o TF é um fenômeno em variação desde o latim; julgou-se necessária, assim, uma análise que contemplasse um período mais longo.

Esta análise, então, realizou um estudo do fenômeno, tendo como ponto de partida o século XVIII e não o XIX.

As ocorrências de TF foram pesquisadas no *corpus* do século XX segundo uma subdivisão que levou em conta intervalos de 25 anos; totalizando 4 subdivisões, correspondentes aos anos de 1925; 1950; 1975 e 2000. Pela limitação imposta pelos *corpora* do século XVIII e XIX tal divisão não foi possível, sendo que cada um destes períodos foi analisado em bloco.

Para uma maior uniformização dos resultados, coletou-se uma média de 150 dados de TF de cada momento estudado, nos quais se incluem formas sintéticas e perifrásticas.

3.2.3 MÉTODOS PARA COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

O estudo empírico do fenômeno tomou como instrumento de análise a metodologia da sociolingüística quantitativa (Labov, 1972,1982; Cedergreen & Sankoff 1974; Tarallo, 1985; Mollica, 1996)

Em seguida ao levantamento dos dados, esses foram analisados conforme os seguintes grupos de fatores:

- 1) forma de realização
- 2) verbo formador da perífrase
- 3) elemento vizinho
- 4) pessoa gramatical
- 5) tempo
- 6) tipo de verbo
- 7) voz
- 8) momento histórico
- 9) animacidade do sujeito

A escolha dos grupos de fatores observados no estudo do TF se justifica pelos fatos que expomos a seguir.

Ao entrar em contato com uma língua, o falante adquire, primeiramente, suas formas mais básicas, ou seja, as não-marcadas. Assim, em relação aos paradigmas verbais, segundo Bybee (1985), o que ele primeiro adquire é o presente do indicativo na 1ª e 3ª pessoa do singular. Posteriormente, mesmo depois da aquisição de formas marcadas, seja em relação a modo, número ou pessoa, o falante, ainda, prefere as formas não-marcadas, tendência apontada nas 50 línguas estudadas pela autora.

É de se supor, então, que as mudanças na língua ocorram sempre no sentido preservar as características das formas não-marcadas, e inseri-las em um maior número possível de contextos de formas marcadas, como se observa em algumas variedades do português em relação à 2ª pessoa se realizando com as formas não-marcadas de 3ª pessoa.

Não estamos afirmando, todavia, que por conta disso a língua caminha para um processo de simplificação total, o que seria totalmente inconcebível, pois não existe língua “simples”. Nem mesmo se pode dizer que características não-marcadas de 3ª pessoa, ocupando posições antes pertencentes a formas marcadas, simplificam a língua, pois sabemos que as mudanças ocorridas nesse sentido no paradigma verbal do português acabaram por gerar uma “complicação” no sistema pronominal, com o emprego por vezes obrigatório do pronome em função de sujeito (LIRA, 1982; DUARTE, 1993, 1995; LAPERUTA, 2002; CARVALHO, 2005)

Além da hipótese de mudanças ocorrerem no sentido de preservar características das formas não-marcadas e expandi-las a ambientes comuns às formas marcadas, supomos também, que, quando a mudança não está

diretamente ligada a essas formas, sejam elas as que aceitam as mudanças primeiramente, justamente por não apresentarem marcas.

Por esses fatos é que nessa análise a **pessoa verbal** foi considerada como um possível grupo de fator condicionante para a variação e, talvez mudança na forma de expressão do TF.

Longo (1990, p.114) determina como formas analíticas da expressão do TF no futuro do presente (FP) as perífrases formadas pela junção da forma de presente dos verbos estar para, haver de, ir com a forma de infinitivo do verbo principal.

Para a expressão do TF no futuro do pretérito (FT), as perífrases são aquelas formadas pela ligação do imperfeito dos mesmos verbos citados acima com a forma infinitiva do verbo principal.

A perífrase formada por IR + INF, como já explicitamos anteriormente, foi detectada como forma muito recorrente no português falado (GÖRSKI et al., 2002; SILVA, 2002). Desse modo, no presente trabalho, tal perífrase foi estudada no sentido de observar sua distribuição nos três séculos analisados, além de verificar se sua presença predominante na língua falada também se repetiria em textos escritos semi-formais, característica constituinte dos dados estudados.

Pressupondo uma mudança na forma de expressão do TF que favoreça a perífrase IR + INF, julgamos necessário o estudo dessa forma analítica do TF.

HAVER DE + INF, segundo Silva (2002), é uma forma de futuro remanescente do latim: é formada pelo mesmo auxiliar que deu origem à

forma sintética do TF, sendo que a diferença essencial entre esta perífrase e a outra é a ordem que o AUX mantinha em relação ao verbo principal. Desse modo, decidiu-se estudar tal perífrase no presente trabalho, para verificar se ela ou a sua concorrente latina tem mais expressividade no momento atual da língua.

A única forma perifrástica descrita por Longo (1990) como forma de expressão do TF, que não foi estudada no presente trabalho, é aquela formada por ESTAR PARA + INF, por uma questão de recorte para viabilização de estudo.

Na realidade, buscamos ater-nos às formas perifrásticas que tivessem alguma relação com as outras formas de expressão do TF, como é o caso de HAVER DE com a forma sintética e IR por ser uma perífrase já atestada como muito utilizada na expressão do TF.

A fim de verificar se há de fato, predominância, de um desses verbos, e, se seu emprego varia segundo o momento histórico, decidiu-se levar em conta os **verbos formadores das perífrases de futuro**, quando esse tempo verbal for analítico.

Ao fazer a coleta de dados observou-se uma aparente resistência a perífrases quando a forma futurizada tinha como **elemento vizinho** um outro verbo. Desse modo, resolveu-se analisar se tal fato realmente era relevante ou não à variação. Para melhor compreender ocorrências dessa natureza, observe-se (6).

6. Enquanto não forem também designados dias para os treinos, o clube PASSARÁ A TREINAR provisoriamente às 5ª feiras.

A Comarca, 01 de Dezembro de 1925

Foi necessário estabelecer o grupo de fator **tipo de verbo**, uma vez que na coleta de dados observou-se que alguns grupos de verbos apresentavam comportamento diferenciado de outros na expressão do TF.

Tentou-se dividir esse grupo segundo várias tipologias, já estabelecidas, como em Berlinck (1996), Borba (1996), Travaglia (2003); entretanto, tais classificações distinguem aspectos que não se mostraram tão relevantes para a análise. Então, os verbos foram divididos em (i) um grupo de que inclui Ser/Estar e Ter denominado **E**, (ii) um segundo com verbos modais, **M**, (iii) um terceiro que reúne os demais verbos, **D**. Tal divisão poderá ser compreendida pelos resultados, mas valem algumas observações preliminares.

As ocorrências de verbos modais foram separadas apenas para se observar a possibilidade de apresentarem alguma característica que os particularizasse dos demais verbos, em relação à expressão do TF. A observação desse **tipo de verbo** consistiu apenas em verificar a forma de expressão de TF que esses verbos preferiam; distinções modais não foram observadas.

Ocorrências com características semelhantes às das frases hipotéticas, abaixo, não foram contempladas na análise:

7. Maria pode comprar um carro.
8. Maria quer comprar um carro.
9. Maria tem que comprar um carro.
10. Maria deve comprar um carro.

A exclusão de frases como as exemplificadas se justifica, pois expressam um futuro muito mais próximo de (**m**)¹¹ que de (**m₀**); ou seja,

¹¹ Sendo que **m** refere-se à situações mais modalizadas, mais virtuais; **m₀** refere-se à situações menos hipotéticas, ou seja, mais reais.

um futuro, no qual se vislumbra a característica modalizadora, própria desse tempo, de forma muito acentuada.

Frases como (11), porém, se mostram muito mais próximas de (**m₀**), fato que impossibilita colocar todas estas frases em um mesmo patamar.

11. Maria vai comprar um carro

Entretanto, observaram-se casos do tipo (12), no qual se observa uma perífrase formada por IR+ modal no INF seguidos pelo verbo principal, isto é, IR futurizando o modal. Foram encontrados, também, casos como (13), no qual a idéia de futuro parece estar ligada não ao valor semântico do verbo, mas ao sufixo modo-temporal anexado a ele. Assim, ao se separar um grupo de verbo denominado **modais** não se tinha a intenção de analisar a modalidade em si, que parece ser muito mais latente quando tais verbos estão no presente, mas tinha-se a intenção de observar quais das formas de expressão do futuro que esse tipo de verbo preferia, a perifrástica (12) ou a sintética (13).

12. **O. B.**

Você VAI PODER FAZER normalmente todas aquelas coisas proibidas...

Revista Claudia, Janeiro de 1975, n. 160

13. Se alguém mais desejar tomar encargo de enfeitar os andores PODERÁ DIRIGIR-SE ao encarregado, Sr. Geraldo Trevisaneli.

A Comarca, 08 de Outubro de 1950

Como já foi dito, na coleta de dados, observou-se que verbos do tipo **E** (ser/estar, ter) pareciam preferir forma sintética à forma analítica

na expressão do TF. Tal característica pareceu intensificar-se quando a realização ocorria em voz passiva (exemplo 14); assim, decidiu-se estabelecer **Voz** como um outro grupo de fatores.

14. TAIGUARA REGRESSOU

Um dos maiores cantores do "patropi", Taiguara que perambulou muito tempo pela França retornou ao Brasil há poucos dias. O moço já começou a trabalhar num LP que **SERÁ LANÇADO** em Novembro. Muitas músicas são de Paulinho da Viola e outras de Serginho Bitencourt.

A Comarca, 26 de Julho de 1975

Para representar o futuro do presente há, ainda, a possibilidade de se usar o presente acompanhado de advérbio que expresse futuridade, como em (15):

15. Amanhã chove!

Tais dados não foram analisados, pois o foco do presente trabalho é a variação das formas de futuro expressas através de morfema modo-temporal ou por perífrases [-modal].

Com relação ao futuro do pretérito, Malaca (1975) observou no português europeu falado, que, como forma de realização desse tempo se empregava, também, o imperfecto; porém, no corpus analisado, foram encontrados apenas 2 casos semelhantes, o que impossibilitaria uma análise com resultados confiáveis, assim, tais dados foram desconsiderados.

As informações colhidas nessa análise foram quantificadas, valendo-se para isso, do programa estatístico VARBRUL, especialmente

concebido para o trabalho com dados de variação lingüística. Essa etapa foi seguida pela interpretação dos resultados, objeto da próxima seção.

4. RESULTADOS

Fazendo uma análise geral dos resultados observou-se que o **futuro do presente (FP)** é muito mais atuante na língua escrita semi-formal do que o **futuro do pretérito (FT)**, em todos os momentos analisados.

Além de ser muito mais expressivo quantitativamente, de maneira geral, o FP apresentou-se como muito menos conservador que o FT, pois as formas variantes na realização do tempo futuro são muito mais frequentes no primeiro que no segundo.

Para uma avaliação quantitativa da presença desses dois *tempora* nos dados estudados a figura 4 se mostra bastante ilustrativa:

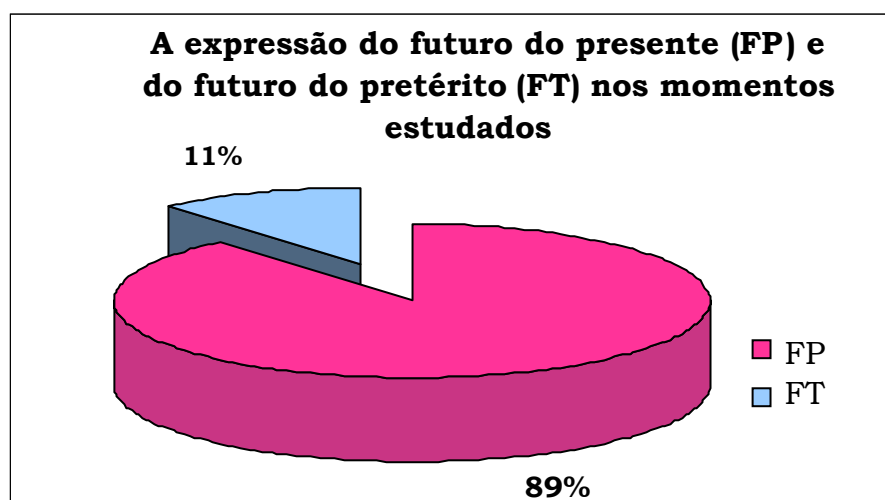


Figura 4

Começaremos a descrição e discussão dos resultados por meio da análise do FP.

4.1 O futuro do presente

No *corpus* estudado, a realização do FP ocorreu nas formas sintéticas e analíticas.

Com relação à síntese do tempo futuro, Silva (2000) aponta duas formas de ocorrência: uma em que a forma futurizada é descontinuada, pela inserção de algum elemento (16), e outra simples, que apresenta apenas um sufixo de futuro anexado ao radical de um verbo (17):

16. Recebemos pela primeira vez a amável visita do "Commercio de Lins", sob a redacção do Sr. Domingos S. de Nemoyane e gerencia do Sr. Miguel F, da Silva. Agradecendo a gentileza da visita RETRIBUIL-A-EMOS COM MUITO PRAZER.

A Comarca, 29 de Março de 1925

17. ELE *VOLTARÁ*
MATONENSE!
ALISTA-SE NO
PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO

A Comarca, 26 de Fevereiro de 1950

Há a presença dessas duas configurações do tempo futuro sintético nos dados de FP, entretanto, aquela vista em (16), ocorre apenas no século XIX (65%) e no ano de 1925 (25%), que em comparação ao momento anterior já denotava franco declínio. Declínio, esse, confirmado pelos dados dos momentos seguintes, nos quais não se encontrou nenhuma ocorrência da forma sintética descontinuada, o que sugere um possível desaparecimento dessa forma em textos escritos semi-formais da variedade estudada.

A distribuição da forma sintética descontinuada deu-se de forma mais rígida do que a da sintética simples: ocorreram apenas com as 3^{as}

peçoas¹² (82%) e com a 1ª do plural (8%), enquanto que a forma simples aparece com todas as peçoas.

O **tipo de verbo** preferido dessas formas é aquele que denominamos “demais”, o qual reúne todos os verbos com exceção de ser/estar, ter e os modais. Das 17 ocorrências, 15 (88%) foram com esse tipo de verbo e 2 com **E** (ser/estar e ter).

Uma outra característica observada nessa forma de síntese é a preferência pela **voz** ativa com 69% das ocorrências contra 31% de voz passiva. Abaixo, temos um exemplo que ilustra as duas possibilidades, passiva e ativa, respectivamente:

18. BURRO

Foi apprehendido pelo fiscal da camara, por andar solto pelas ruas da cidade, um burro vermelho, com signal de coalheira, de 8 a 9 annos, canellas pretas e com duas marcas. Quem fôr seu dono dirija-se ao fiscal Lourenço Leite de Cerqueira no praso de 8 dias contados d'esta data, que pagando a multa e despesas SER-LHE-HA ENTREGUE; no caso de não ser procurado PROCEDER-SE-HA de conformidade com a lei. Piracicaba, 10 de Março de 1883.

Gazeta de Piracicaba, 11 de março de 1883

Com relação à presença de perífrases compostas pelo verbo **HAVER** e **IR**, observou-se a ocorrência tanto do auxiliar no **presente** quanto no **futuro**:

19. **IR (presente) + INF**

Sábado próximo passado casaram de uma só vez Silvia e Bilo Bottesini: Ela **VAI MORAR** nos Estados Unidos [...]

A Comarca, 11 de Janeiro de 1975.

¹² As 3ªs peçoas do singular e do plural foram agrupadas, no presente trabalho, por apresentarem comportamento semelhante.

20. IR (futuro) + INF

CAMPO DE TRABALHO

Silvio Santos resolveu aplicar parte de sua polpuda renda num estúdio cinematográfico. O sorriso mais famoso deste país IRÁ PRODUZIR três filmes por ano.

A Comarca, 27 de Julho de 1975.

21. HAVER (presente) + INF

A Mesa da Sancta Casa de Misericordia d'esta Imprial Cidade faz constar ao respeitavel Publico, que por todo o mez de Julho proximo Futuro HADE INDEFECTIVELMENTE EXTRAIR SE a loteria da mesma, cujos bilhetes se achão á venda nos logares já por esta folha indicados.

O Farol Paulistano, 07 de junho de 1828

22. HAVER (futuro) + INF

Joaquim da Silva Abreu Vianna morador desta Cidade faz saber ao Respeitavel publico, que todas as pessoas que comprarem quaesquer bens, moveis, ou de raiz pertencentes ao seu Casal a Antonia Maria de Jezus sua mulher, fica na responsabilidade de restituillos quando pelo suplicante for requerido em Juízo, com os danos que dahi se seguir: assim como todos que já comprarão qualquer dos referidos bens à dicta sua mulher HAVERÃO DE RESPONDER á nullidade, e qualquer outra liquidação que necessario seja, e ao Suplicante convier, em beneficio de seus Credores, e filhos menores, pelo que protesta.

O Farol Paulistano, 09 de agosto de 1828

Assim, a realização do FP, ao longo do período estudado, se mostrou bastante variável, pois além das formas sintéticas, ainda há a possibilidade de ocorrências de todas as formas perifrásticas acima mencionadas.

O período em análise parece ser significativo não apenas com relação à variação do tempo futuro, mas, também, no que diz respeito à implementação de mudança no paradigma desse tempo, pois, em um dos momentos estudados, as formas sintéticas acabam perdendo sua hegemonia para as formas perifrásticas.

Tal fato fica evidente se fizermos uma comparação na forma de expressão do tempo futuro em todos os momentos analisados:

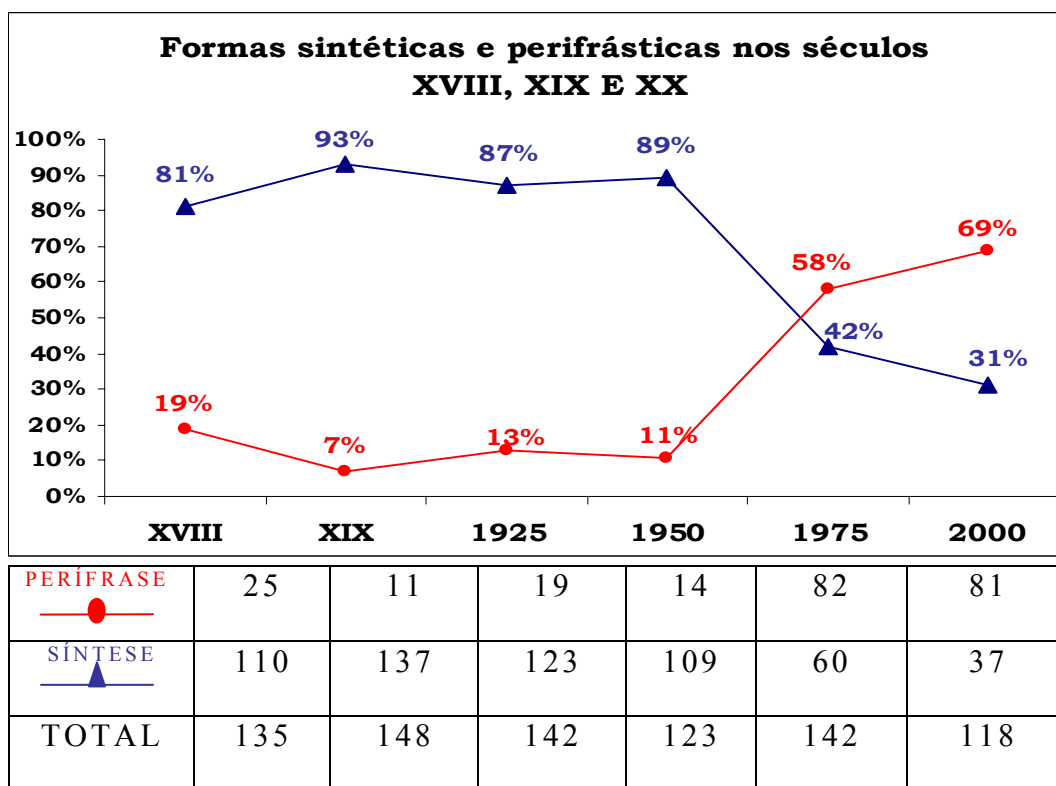


Figura 5

Como se pode observar através dessa representação gráfica, no século XVIII há uma presença significativa de perífrases, principalmente, se levarmos em conta o momento posterior, século XIX, que apresenta uma queda de 12% nas ocorrências perifrásticas.

A baixa variação entre formas analíticas e sintéticas testemunhadas no século XIX, se mantém em relativa estabilidade até o ano de 1950, a partir do qual sofre um revés e muda radicalmente, como demonstram os resultados do ano de 1975.

É nesse quinto momento estudado que a variação entre formas sintéticas e analíticas se inverte: há um aumento significativo de perífrases em detrimento das formas simples.

A mudança sugerida há pouco fica ainda mais evidente se levarmos em conta que, dentre todas as possibilidades de forma analítica do tempo futuro, é a forma IR+INF, exemplificada em 19 que detém o maior número de ocorrências, em todos os momentos estudados.

A tabela abaixo comprova tal afirmação:

A distribuição das formas perifrásticas de acordo com os momentos históricos						
	XVIII	XIX	1925	1950	1975	2000
HAVER (presente) +INF	28%	37,5%	26%	-	1%	-
HAVER (futuro) + INF	-	12,5%	-	-	-	-
IR (presente) + INF	60%	50%	74%	100%	96%	97,5
IR (futuro) + INF	12%	-	-	-	3%	2,5%

Tabela 1

Observando a tabela 1, percebemos que as perífrases em verdadeira concorrência são aquelas formadas por HAVER e IR (presente)+INF, sendo que a primeira, parece estar restrita, principalmente, aos três primeiros momentos; a segunda, além de já ser a principal forma analítica do FP em todos os momentos, ainda parece ter expandido seu contexto de atuação para aqueles, antes, reservados à perífrase formada por HAVER.

Tal afirmação pode ser confirmada pelo aumento mais ou menos gradativo da forma IR+INF e pelo declínio e quase desaparecimento da forma HAVER+INF, da qual registrou-se apenas um dado nos três últimos momentos estudados.

Se observarmos a ocorrência com Haver no ano de 1975, veremos que, na realidade, o registro dessa perífrase ocorre em uma situação que parece ter se cristalizado numa “fórmula”, na qual qualquer outra expressão de futuro se mostra inadequada, além de que, esse exemplo de ocorrência com a perífrase Haver+Inf apresenta uma modalização tão acentuada que a perífrase Ir+Inf, por exemplo, não seria capaz de expressar:

23. Mesmo que você não entenda nada de estabilidade, torque, limite de aderência. Mesmo que você nem saiba diferenciar um macaco de uma chave de rodas. Você **HÁ DE CONVIR** que com as rodas Jolly de duralumínio seu carro vai ficar uma fofura.

Revista Cláudia, Janeiro de 1975, n. 160

O registro dessa ocorrência foi feito, principalmente, para mostrar que, apesar de não ter se extinguido totalmente da escrita semi-formal, a perífrase com Haver parece ter se restringido a situações muito específicas, como é o caso das “fórmulas cristalizadas”.

Mesmo contando com essas situações, em 2000 nenhum caso foi registrado.

Com relação à inserção da perífrase Ir + Inf na língua, é possível sugerir que os seus contextos de ocorrência, primeiramente, eram aqueles nos quais se estabelecia uma relação entre tempo e espaço.

Tal afirmação é feita, pois se observou nos dados do século XVIII, que, situações em que a idéia do movimento físico (espacial) resultava também em uma interpretação de um movimento abstrato (temporal) eram comumente expressas por essa perífrase:

24. Pelo pé da Serra Negra corre um ribeirão que VAI BUSCAR as cabeceiras do dito morro Taijó, o qual morro é baixo, redondo, agudo com sua campina ao pé, e tem este feitio.

Relatos Sertanistas, p.144

25. O dito rio Lopo, que recebendo em si da parte do leste ao Rio Fundo com mais alguns córregos se VAI METER no Parabuna (...).

Relatos Sertanistas, p.162

Desse modo, a forma do tempo futuro expressa por IR + INF poderia ter se instaurado na língua como uma metáfora que parte de um deslocamento espacial [+concreto], para um deslocamento temporal [-concreto] como propõe Heine (1991, p. 46).

Entretanto, pensando na natureza dos dados do século XVIII, que provem de relatos de viagens, nos quais há a descrição de um espaço, tal afirmação poderia ficar comprometida, uma vez, que essa característica apontada como uma particularidade da perífrase IR, no momento de sua inserção na língua, poderia ser, na realidade, uma particularidade do texto estudado.

Desse modo, a contraposição dos dados do século XVIII com os do XIX era necessária, para verificar se as características espaço/tempo também eram observadas; em caso negativo, poderíamos apenas propor a possibilidade de uma relação.

Entretanto, ao observarmos as ocorrências de IR + INF no século XIX, constatamos que essa hipótese é muito plausível, uma vez que, apesar de apenas 4 ocorrências dessa perífrase, 3 delas ocorrem em situações em que a característica de tempo se imbrica com a de espaço. Vejamos um exemplo:

26. O abaixo assignado participa a todos os *Senhores* que lhe são devedores de mais de 6 mezes em acentos de livros sem clareza de tempos tractados, e assim mais os que forem devedores por letras e valles, e ja vencidos, hajão de virem ou mandarem pagar seus debitos até o dia 15 de Janeiro de 1841, pois que já está cansado de mandar portadores com as contas a caza dos mesmos devedores, o anunciante faz este avizo para que depois não se escandelizem, pois que passado o dia 15 e não comparecendo os VAI CHAMAR A JUIZO empreterivelmente, _ Luiz Antonio Pereira Paião Silveira.

A Phenix, 13 de janeiro de 1841.

Assim poderíamos sugerir que, depois de realizar-se em contextos caracterizados pela relação espaço-tempo, as perífrases com IR + INF adentraram contextos puramente temporais¹³ expressos antes por HAVER+INF e, no ano de 1975, tomaram muito do espaço ocupado pela forma sintética de expressão do tempo futuro.

Que fatores poderiam explicar tal mudança no paradigma desse tempo verbal? Por que um fenômeno que está em variação desde o século XVIII muda tão radicalmente em, apenas, 25 anos (50-75)? Por que a inserção de perífrases IR + INF no século XVIII sofre um recuo no século XIX?

Como vale lembrar, foi afirmado na seção 2 que a língua é um reflexo de seus falantes, da organização sociocultural de uma comunidade; assim, além de fatores internos ao sistema lingüístico, cremos que fatores externos a ele, também, podem afetar sua configuração/organização.

Acontecimentos históricos que afetam profundamente a comunidade de falantes podem acelerar ou até mesmo gerar processos de mudanças.

¹³ Não se quer dizer aqui que haja ocorrência de futuro localizada em m_0 , uma vez que a ocorrência do tempo futuro pode estar muito próxima desse ponto, mas nunca nele. Na realidade quando se fala, aqui, em contexto puramente temporal não está desvinculando o tempo futuro do modo, mas do espaço.

Não estamos falando de pequenos fatos históricos, mas daqueles que ocasionam profundas transformações da sociedade.

Observando a figura 5, constata-se nos textos do séc. XVIII uma presença significativa de formas perifrásticas, sendo que, dessas, grande parte é formada por IR + INF (tabela 1). Essa presença, entretanto, cai, expressivamente, no século XIX.

Nesse segundo momento estudado, observou-se a presença de formas com IR + INF, entretanto, em menor proporção do que aquela verificada no século XVIII, isso porque, aqui, há um aumento das formas com HAVER (presente) + INF, intensificado pela inserção do futuro expresso HAVER (futuro) + INF.

Entre os séculos XVIII e XIX parece ter havido uma quebra na expressão perifrástica do tempo futuro, principalmente, observando a perífrase IR+INF, pois, levando em conta que essa forma é tão recorrente hoje na língua (GÖRSKI et al., 2002; SILVA 2002), hipotetizávamos que essa tivesse se inserido na língua num crescente contínuo, em detrimento não só da perífrase com HAVER, mas também da forma sintética. Assim, os 19% de ocorrências do século XVIII aumentariam, ou, pelo menos, permaneceriam próximos a esse valor, no século XIX. Entretanto, ocorreu exatamente o contrário: houve uma queda de 12%, na ocorrência de perífrases (figura 5) e 22% se formos analisar apenas as perífrases com IR+INF (tabela 1).

Desse modo, não cremos que a queda de freqüência nas formas analíticas do futuro entre esses dois séculos seja, apenas, resultado de um fenômeno em variação, como se observa nos momentos que compreendem

o período entre o século XIX e o ano de 1950, mas, que na realidade, ocorreu algum fator de repressão a essas formas.

É interessante notar também que, justamente nos dados do século XIX ocorrem, pela primeira vez nos dados de formas sintéticas descontinuas, que se caracterizam como bastante formais.

Desse modo, temos, então, uma repressão das formas perifrásticas, principalmente, aquela formada por IR+INF, em favor das formas sintéticas, que são caracterizadas como as canônicas, e temos a inserção, nos dados, da sintética descontinuada, que não é apenas canônica, mas, se destaca por sua presença em textos altamente formais. Há de se lembrar, entretanto, que o corpus é composto por textos semi-formais!

Temos, então, dois fenômenos diversos, que podem ser associados para caracterizar o século XIX como bastante rígido e conservador na expressão do tempo futuro: queda no uso de perífrases, principalmente, daquela formada por IR+INF, sendo que o declínio mais acentuado desta pode ser associado à revitalização da forma com HAVER, e à inserção de uma outra forma sintética.

O que poderia explicar essa aparente rigidez?

Um fator externo que poderia explicar esse comportamento é o fato de que, logo na primeira década do século XIX, chegou ao Brasil a família real e uma comitiva composta de nada menos do que 15.000 pessoas; nas décadas posteriores também chegaram ao Brasil milhares de portugueses. Tal fato poderia ter afetado o emprego de traços lingüísticos já característicos da variedade brasileira.

A presença portuguesa e, mais que isso, a presença da norma lingüística lusitana, decorrentes da formação escolar de boa parte dos imigrantes que aqui chegaram¹⁴, passa, ainda mais, a ser referência de prestígio, e pode ter desencadeado um retrocesso no que diz respeito à implementação da forma perifrástica IR+INF.

A mudança mais brusca e aparente na expressão do tempo futuro se dá, entretanto, entre os quarto e quinto momentos estudados, ou seja, entre os anos de 1950 a 1975. Nesse período, contrariamente, à ocorrência no século XIX, temos uma situação favorável à forma analítica de expressão desse tempo verbal, forma, aliás, que deve ser lida como a perífrase IR+INF.

Cremos que a explicação para tal fenômeno, também, não pode ser dada apenas por aspectos internos da língua.

Temos um fenômeno em variação durante, pelo menos, dois séculos e meio, que muda radicalmente em um período que compreende apenas 25 anos. A rapidez dessa passagem nos faz hipotetizar que o sistema lingüístico não seja o total responsável por esse fato, mas que haja algum fator social capaz de ajudar a explicar essa inversão no emprego de formas sintéticas por perifrásticas.

Se fizermos uma análise de elementos históricos que poderiam desencadear essa mudança, veremos que, no século XX, ocorreram transformações que revolucionaram o mundo. É nesse século que surgem tecnologias inimagináveis até o momento.

¹⁴ Dessa população que aqui chegou uma boa parte era escolarizada, segundo dados do IBGE.

Já logo no início do século ocorre a Primeira Guerra Mundial, que ocasiona profundas mudanças econômicas, sociais e culturais, de modo que velhos padrões começam a ser quebrados; o mundo testemunha, inclusive, o nascimento de novas potências.

No Brasil surge um movimento cultural (modernismo, com início na Semana de Arte Moderna, em 1922) que incutiu no coração de alguns a semente da rebeldia contra tantos disparates presentes na sociedade brasileira, seja na política, seja nas artes. O Modernismo pregava uma atitude mais engajada com a sociedade brasileira, sem se preocupar tanto com moldes externos. Tal movimento não foi bem aceito a princípio, mas a semente estava lançada.

Os avanços tecnológicos passam a não ser mais privilégio, apenas, dos países considerados potências mundiais, mas, também, começam a ser presenciados no Brasil: a indústria se implanta com muita força, e, em consequência disso, há uma urbanização bastante acentuada; pessoas deixam o ambiente rural e vão morar nas cidades, principalmente na segunda metade do século.

Bortoni-Ricardo (1989) aponta a migração rural-urbana como um fator externo bastante relevante nos estudos de variáveis lingüísticas.

Analisando dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) observa-se que, em 1950, a população compreendia 51.944.397 milhões de brasileiros; destes, 36% em média estavam na zona urbana. Já em 1970, do total de 93.139.037 pessoas, 56% viviam nas cidades. Esses índices continuaram crescendo, atingindo no último censo, de 2000, 81,3% da população.

Pelos dados, nota-se, que, no momento principal para a mudança do FP, realmente há um aumento significativo na população residente em centros urbanos, o que poderia ser associado à inversão na expressão do tempo futuro.

Entretanto, sabemos que as pessoas que deixam a zona rural e vão para as cidades, geralmente, pertencem a uma classe social mais baixa, saem de seus lugares de origem justamente em busca de melhor qualidade de vida. Sabendo que, por conta de todos os tipos de preconceitos que permeiam nossa sociedade, a pessoa é valorizada pelo peso de seu bolso, é de se pensar que a sociedade não aderiria ao falar das pessoas provenientes da zona rural; assim, esse não seria um fator muito relevante para explicar o fenômeno aqui estudado.

Outros fatores poderiam explicar essa ocorrência. Se mais uma vez nos reportarmos à História, veremos que é nesse momento que o mundo viveu um de seus períodos mais marcantes: enquanto os Estados Unidos guerreavam no Vietnã, mantinham uma guerra fria com a União Soviética, incentivavam políticas repressoras nos países de terceiro mundo (dentre os quais o Brasil se inclui), surgiam no mundo movimentos juvenis que pregavam a contracultura, a fim de se combater os valores morais vigentes. Foi nesse momento, também, que surgiu o Rock e seus maiores nomes.

No Brasil, surgiu a Tropicália, e com ele muitos outros movimentos, que objetivavam contestar padrões em geral, política repressora, etc. A juventude brasileira fervilhava. Pode se dizer que a

semente da contestação e do descontentamento plantada lá em 1922 com a Semana de Arte Moderna, nesse momento atingiu as massas.

As novas tecnologias (rádio e TV) passam a ser acessíveis a grande parte da população, possibilitando o conhecimento de fatos do mundo com uma agilidade infinitamente maior do que se tinha até então. O ritmo do mundo parece se acelerar.

Como descreve Garcia [2003?] em um almanaque sobre moda, na Internet:

Os avanços na medicina, as viagens espaciais, o Concorde que viaja em velocidade superior à do som, são exemplos de uma era de grande desenvolvimento tecnológico que transmitia uma imagem de modernidade. Essa imagem influenciou não só a moda, mas também o design e a arte que passaria a ter um aspecto mais popular e fugaz.

A velocidade, a fugacidade acabam por gerar a impressão de um tempo efêmero, no qual presente e futuro se diluem. O futuro parece já não ser tão distante; pelo contrário, aparenta estar muito perto do presente, por mais distante que esteja. Percorre-se o espaço entre um momento temporal e outro muito rapidamente.

O falante do século XX passa, então, a precisar de uma forma capaz de representar o ritmo frenético em que vive, e, principalmente, de uma forma que presentifique mais o futuro.

Tendo como opções a forma sintética e as perifrásticas formadas por HAVER e por IR, escolhe a perífrase formada por IR, pois ela expressa as sensações que o falante parece querer; ou seja, é capaz de aproximar o futuro do presente.

Como já foi explicitado, as mudanças sociais ocorridas no Brasil do século XX não se concentram apenas entre os anos de 1950 e 1975. Na

realidade começam logo no princípio do século com a Primeira Guerra Mundial, com a Semana de Arte Moderna; enfim, muitas foram as ocorrências que mudaram a estrutura sociocultural do brasileiro já logo no princípio do século. Desse modo, acreditamos que os fatores arrolados como desencadeadores da forma perifrástica a partir da segunda metade do século explicam a inserção, na língua escrita semi-formal de elementos presentes na fala já há algum tempo.

Além desses fatores extralingüísticos, existem os internos à língua, arrolados em 3.3.3, que também podem explicar a mudança, mostrando os pontos que favorecem e os que desfavorecem novas formas. É preciso sempre ter em mente que aspectos extralingüísticos podem constituir o “gatilho” de uma mudança ou serem decisivos em sua implementação, entretanto, nada ocorre que não seja possível dentro do sistema lingüístico, como se verá pelas análises.

A análise da **pessoa verbal** se mostrou bastante importante no estudo do tempo futuro, uma vez que, como se verá mais à frente, todas as variações parecem ter como ponto de partida as 3^{as} pessoas e seguem, então, para a 1^a e só então chegam à 2^a¹⁵.

Tal fato se observa muito claramente com relação às formas sintéticas e perifrásticas, pois a forma inovadora IR+INF ocorre, primeiramente, com as 3^{as} pessoas, a seguir se dissemina para a 1^ap. do singular, e então apenas depois atinge a 2^ap. do singular. Essa

¹⁵ Não houve ocorrência de perífrases com a 1^a e a 2^a p. do plural.

constatação fica evidente pelo cruzamento de **pessoa verbal** com **momento histórico** (figura 6):

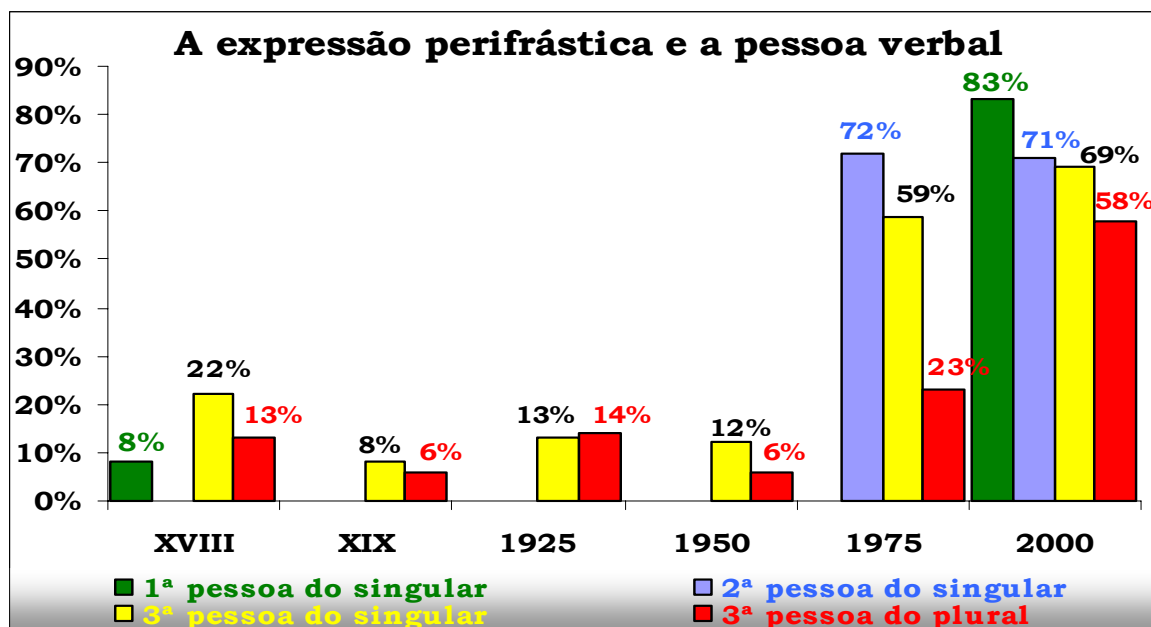


Figura 6¹⁶

O resultado visualizado acima indica que a hipótese presente em 3.3.3 se mostra verdadeira, ou seja: formas não-marcadas parecem admitir mais facilmente as inovações. É interessante notar que a inserção das perífrases com relação à **pessoa verbal** obedece à mesma ordem da aquisição de linguagem proposta por Bybee¹⁷ (1985): há ocorrências, primeiramente, com as 3ªs pessoas, depois com a 1ª e, só então, com a 2ª.

Vale salientar que as ocorrências de 2ª pessoa, tanto no ano de 1975 como em 2000, têm por sujeito **você** e não **tu**; desse modo, as formas verbais que acompanham esse sujeito são também formas não-marcadas.

¹⁶ A ocorrência de 1ª pessoa no ano de 1925 foi de apenas 1 dado sendo que este foi síntese, já no ano de 1950 ocorreu um caso dessa pessoa como perífrase, que não foi registrado no gráfico porque se não daria um resultado de 100% que poderia levar a interpretações equivocadas.

Com relação à 2ª pessoa não se registrou nenhuma ocorrência até 1950, ano em que a única ocorrência dessa pessoa verbal se deu pela forma sintética.

¹⁷ Conferir em 3.3.3.

Na realidade os resultados obtidos nesse cruzamento também ajudam a confirmar a hipótese de que o século XIX foi bastante rígido com relação às formas perifrásticas; isso porque, levando em conta que as formas de terceira pessoa parecem aceitar formas inovadoras mais facilmente que qualquer outra pessoa verbal, seguida pela primeira pessoa do singular, observamos que no século XVIII já se poderia vislumbrar a mudança na expressão do tempo futuro do português brasileiro, uma vez que se observou a ocorrência de perífrases com a terceira pessoa e com a primeira. No século XIX, devido à “repressão” às formas perifrásticas, só há a ocorrência de terceira pessoa. No ano de 1925 as ocorrências de perífrase se repetem com as terceiras pessoas. Um dado de primeira pessoa perifrástica só volta a ser registrado no ano de 1950, ou seja um processo que parecia bastante adiantado no século XVIII é tão reprimido no século XIX que tem por necessidade reinicializar a sua expansão a contextos menos favoráveis como aqueles de 1ª e 2ª pessoas.

Exemplos de perífrases e as várias pessoas podem ser visualizados a seguir:

27. Perífrase com 3ª pessoa singular

(...) O Santa cruz viu assim, consolidar-se o seu prestígio, nas vésperas da uma grande estréia no grande páreo em que VAI TOMAR PARTE que é o campeonato amador do Interior Santa Cruz x América F. Clube.

A Comarca, 02 de Abril de 1950

28. Perífrase com 3ª pessoa plural

O verão está aí, e você quer aproveitar ao máximo o sol. Mas, para não prejudicar a aparência do seu corpo, uma depilação cuidadosa em várias regiões é indispensável. Por isso, Claudia foi consultar algumas especialistas deste assunto no Rio. Elas, que

conseguem deixar as cariocas aptas a usar a sumária tanga, VÃO CONTAR para você todos os segredos e as melhores indicações dos diferentes tipos de depilação.

Revista Cláudia, Janeiro de 1975, n. 160

29. Perífrase com 1ª pessoa

A propósito VOU REPRODUZIR aqui um fato relatado por um jornalista patricio que da América do Norte escreveu para uma revista do Rio (...).

A Comarca, 28 de Maio de 1950

30. Perífrase com 2ª pessoa

Convite para uma nova lua-de-mel

Aceite nosso convite para uma nova lua- de- mel.

Coloque um conjunto Pozza nacional em sua sala.

VOCÊ VAI VER como muita coisa vai mudar. Pozza – móveis em tempo de futuro.

Revista Nova, Novembro de 1975, n. 26

Com relação ao **tipo de verbo**, observou-se que as perífrases tanto formadas por Haver quanto por IR+INF, co-ocorrem preferencialmente com os do tipo D (demais).

Os verbos do tipo E (ser/estar, ter) e M (modais) por sua vez, associam-se mais fortemente com as formas sintéticas: de todas as ocorrências analíticas presentes no *corpus* estudado, 84% ocorreram com o primeiro tipo de verbo, 13,5% com o segundo e 3% com o terceiro.

Cruzando **tipo de verbo** e o **momento histórico** observa-se a seguinte distribuição das formas perifrásticas:

As perífrases, o tipo de verbo e os momentos históricos						
	Séc.XVIII	Séc.XIX	1925	1950	1975	2000
Ser/estar, ter	22%	1%	8%	6%	26%	37%
Modais	-	-	8%	-	36%	17%
Demais	20%	11%	16%	14%	70%	87%

Tabela 2

Como se observa pela tabela, de todas as ocorrências de verbos do tipo E no século XVIII, 22% ocorreram como perífrase; depois, seguindo a tendência já apontada acima, tais verbos no TF ocorrem quase que totalmente sob a forma sintética no século XIX, que é um momento de “repressão” a formas perifrásticas. As perífrases se inserem com relativo vigor com esse tipo de verbo apenas a partir dos dados de 1975, uma vez que de todas as ocorrências desse tipo de verbo 26% são perífrases em 1975 e 37% em 2000.

Vale lembrar, entretanto, que no século XVIII as perífrases com esse tipo de verbo, não apresentam a forma IR+INF, mas HAVER+INF; isso leva-nos a concluir que verbos do tipo E (ser/estar, ter), são resistente a perífrases, mas, principalmente, àquela formada por IR+INF.

Com relação aos verbos do tipo M, também se observa um aumento na ocorrência de formas perifrásticas a partir do ano de 1975. Verbos do tipo D seguem a mesma tendência, pois apesar de serem bastante expressivos em perífrases, é nos anos de 1975 e 2000 que tal característica se intensifica.

Analisando a distribuição apenas de IR+INF, observou-se que esta perífrase, a princípio restrita a verbos do tipo D, com o passar do tempo foi expandindo seus contextos de atuação para os verbos do tipo M e, principalmente, do tipo E.

No século XVIII, todas as ocorrências de perífrases formadas por IR+INF ocorreram com verbos do tipo D; no século XIX e começo do XX, já podemos observar a ocorrência dessa perífrase com verbos do tipo E. Nos momentos de maior ocorrências de perífrases (1975 e 2000), as ocorrências também se estendem aos verbos do tipo M; assim, em 2000, de todos os casos de perífrases IR+INF, 82% ocorreram com verbos D, 16% com verbos E e 2% com verbos M.

As ocorrências da perífrase IR+INF, segundo o momento histórico, podem ser observadas pela tabela 3:

IR + infinitivo e os momentos históricos						
	Séc.XVIII	Séc.XIX	1925	1950	1975	2000
Ser/estar, ter	-	9%	8%	33%	10%	16%
Modais	-	-	-	-	5%	2%
Demais	100%	91%	92%	77%	85%	82%

Tabela 3

Bybee (1985, p. 57), afirma que a alta frequência de um paradigma na língua pode fazer com que as formas que compõem tal paradigma resistam a mudanças morfofonêmicas. Não seria possível estendermos tal

comportamento a mudanças morfossintáticas? Isso explicaria a resistência de verbos de tipo E às formas perifrásticas, pois são verbos bastante freqüentes na língua.

A afirmação de que há um alto índice de freqüência de verbos do tipo E se baseia no fato de que, levando-se em conta que D abarca um número bem grande e varado de verbos, enquanto o tipo E contempla, apenas, ser/estar e ter, mesmo assim a ocorrência desse último tipo verbal é, proporcionalmente, bastante significativa na língua. Tal conclusão fica mais evidente quando comparamos a expressão desses três tipos de verbos no presente trabalho:

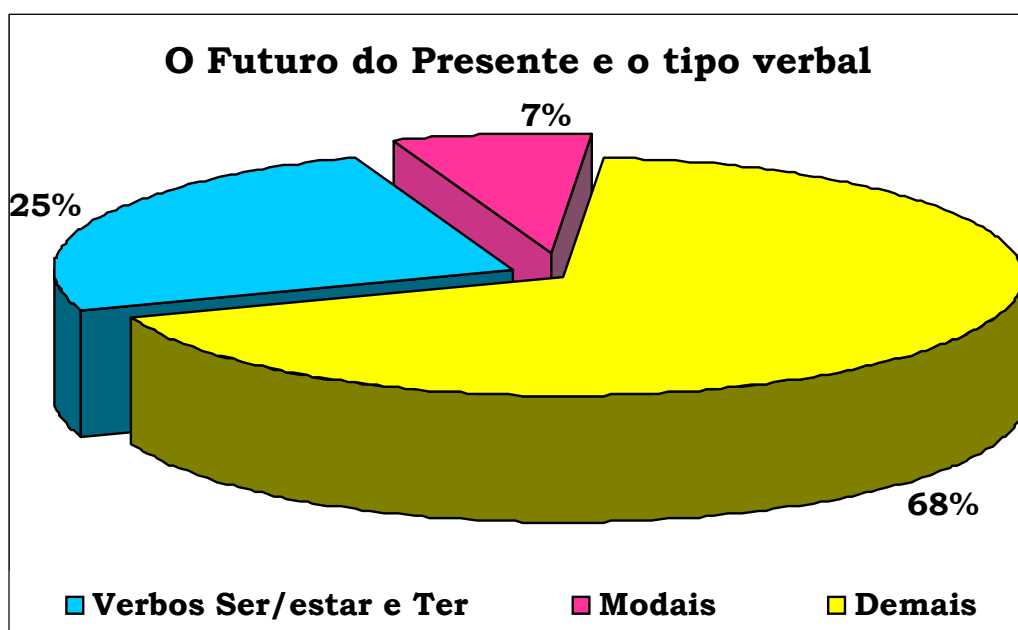


Figura 7

A preferência por formas sintéticas demonstrada pelos verbos ser/estar e ter pode ser uma das explicações para tão poucas perífrases na **Voz Passiva**, visto que, de 97 dados ocorridos sob essa voz, 96% ocorreram como em 31:

31. A delegacia de Policia avisa que acaba de encetar rigoroso policiamento contra casaisinhos inescrupulosos que vivem exibindo seus colóquios amorosos (...) Os contraventores SERÃO PUNIDOS de acordo com os preceitos legais.

A Comarca, 02 de Fevereiro de 1950

Vale registrar que as formas perifrásticas na voz passiva ocorreram apenas em 1925, e que a perífrase IR+INF parece rejeitar tal voz de forma mais acentuada, pois das 4 ocorrências perifrásticas, apenas uma realizou-se por essa perífrase, sendo que as outras 3 se realizaram pela perífrase HAVER +INF. Todos os dados de formas analíticas na voz passiva apresentaram sujeito [-animado].

32. **Perífrase com HAVER na voz passiva**

Pelo que nos informa este nosso amigo, existe em Jequitahy riquíssimas jazidas de diamante, que HÃO DE SER POSTAS EM RELEVO com bastante aproveitamento de quem as explorar, pois, ali não faltam elementos naturaes para fim.

A Comarca, 02 de Fevereiro de 1925

33. **Perífrase com IR na voz passiva**

Conforme noticiaram os jornaes da Capital, VÃO SER EXECUTADOS OS REPAROS necessários no grupo escolar desta cidade.

A Comarca, 08 de Março de 1925

Quanto ao grupo de fatores **elemento vizinho**, observou-se que, quando a forma futurizada tem uma outra forma verbal como vizinho, preferencialmente, a forma futurizada se realizará sob a forma sintética, como ilustra (34).

34. [...] E a guerra fria enquanto não chegar a guerra quente PERDURARÁ PASSANDO despercebida por uns e acompanhada por outros.

A Comarca, 26 de Julho de 1975

De um total de 110 ocorrências de FP em tais contextos apenas 26% (29) se realizaram por meio da forma perifrástica como no exemplo abaixo:

35. Com a mudança da agência correio para prédio próprio, a Verinha VAI PRECISAR MUDAR o itinerário. Conclusão vai chegar todo dia atrasada.

A Comarca, 17 Maio de 1975

A maior parte desses dados ocorreu nos dois últimos momentos analisados: do total de dados nesse contexto em 1975, 36% apresentaram formas perifrásticas de futuro. Em 2000, foram, 60%, como mostra a figura:

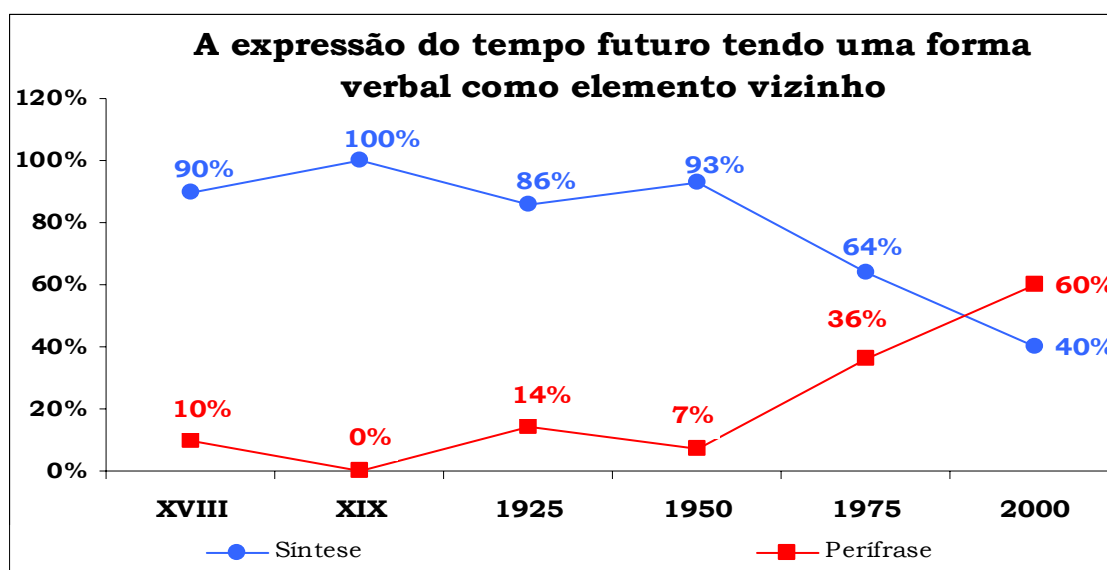


Figura 8

Tais resultados evidenciam a mudança na forma de expressão do tempo futuro, uma vez que, mesmo em contextos antes desfavoráveis, observa-se a inserção de perífrases.

Observando a inserção dessas perífrases, percebe-se que ela define um crescimento contínuo a partir de 1950, uma vez que até esse período observa-se uma oscilação. O fato de haver aumento na ocorrência dessas perífrases a partir de 1950 pode ajudar a explicar o grande aumento das formas perifrásticas nesse momento histórico; ou seja, estruturas em que predominavam formas tipicamente sintéticas começam a ser empregadas com perífrases.

Analizando a **animacidade** do sujeito relacionado à forma futurizada, percebeu-se uma situação interessante: as formas sintéticas ocorrem preferencialmente, mesmo que de forma tímida (51%), com sujeitos [-animado], enquanto que as perífrases se associam com mais frequência a sujeitos [+animado] (65%).

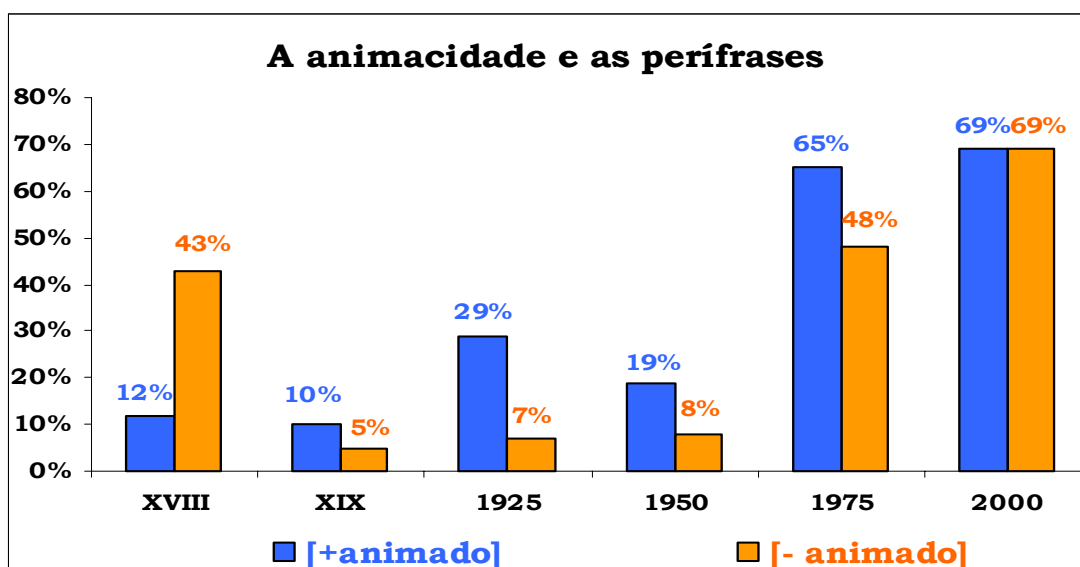


Figura 9

36. Formas simples e sujeitos [-animado]

Nesta sexta feira, sábado e Domingo, segunda e terça, Carnaval na Sorema com a banda Cadeia Nacional, às 23 h.. As matinés SERÃO no domingo e terça.

A Comarca, Fevereiro de 2000

37. Formas perifrásticas e sujeitos [+animado]

Ouvimos dizer que a Cida Arroyo VAI NOS DEIXAR este ano, pois pretende estudar em Rio Preto.

A Comarca, 18 de Janeiro de 1975

Nota-se uma presença bastante acentuada de sujeitos [+animado] acompanhando perífrases em todos os momentos estudados. A única exceção é a perífrase IR+INF no século XVIII, que apresentou 60% de ocorrências com sujeitos [-animado] e 40% de casos com sujeitos [+animado]; no século XIX observa-se uma distribuição eqüitativa dessa perífrase -50% com sujeitos [+animado] e 50% com sujeitos [-animado]- e a partir de 1925 essa perífrase também passa a demonstrar preferência por sujeitos [+animado].

O trajeto percorrido pela forma analítica IR+INF é, também, um indicador de que essa forma estava restrita a determinados contextos, e com o passar o tempo foi expandindo seus ambientes de realização.

O **tipo de verbo** que co-ocorre com mais freqüência com perífrases com sujeitos [-animado] é o D (demais), com 85% das ocorrências; não se registrou a ocorrência dessas perífrases com verbos modais.

Já as perífrases com sujeito [+animado] ocorrem com todos os tipos de verbo.

Analisando a correlação entre o **tipo verbo** e a **animacidade** para as formas sintéticas observou-se que, ao contrário dos outros tipos de verbos (“demais” e “modais”), que parecem preferir sujeitos [+animado], as ocorrências de verbos do tipo E (ser/estar, ter) ocorrem preferencialmente com sujeitos [-animado]: 68% dos dados. Tal resultado parece nos remeter ao fato de grande parte das ocorrências com esse tipo

de verbo ocorrer na voz passiva, como pode se observar pelo cruzamento de **animacidade** e **voz** do verbo.

O cruzamento da **animacidade** do sujeito com a **voz** do verbo caracterizou como [-animado] grande parte dos dados de forma sintética sob voz passiva: 78%. Tal fato pode ser explicado pelo fato de que nessa voz quem está em destaque é o objeto da voz ativa, e a probabilidade desse ser [-animado] é muito grande.

Assim, poderíamos relacionar os fatores **voz**, **animacidade** e **tipo de verbo**: uma vez que, como já foi afirmado, o tipo de voz passiva que ocorre no corpus é aquela formada pelo verbo ser (como em 37), que é verbo do **tipo E**, sendo a maior parte dos casos desse tipo de verbo realizada sob **voz** passiva, a qual transforma o objeto da voz ativa em sujeito, é de se esperar que grande parte das ocorrências seja mesmo de sujeitos [-animado].

38. **Animacidade e voz**

Relojoaria Guido
COMUNICA

Roga-se a seus clientes que retirem suas mercadorias, pois o estabelecimento SERÁ TRANSFERIDO para a cidade de São Bernardo dos Campos, nova residência de seu proprietário.

A Comarca, 18 de Janeiro de 1975

A **pessoa verbal** e a **voz** do verbo também refletiram características importantes, pois as formas passivas só ocorreram com as 3^{as} pessoas, assim como a passiva perifrástica ilustrada pelo exemplo 39:

39. Conforme noticiaram os jornaes da Capital, VÃO SER EXECUTADOS OS REPAROS necessários no grupo escolar desta cidade.

A Comarca, 08 de Março de 1925

Desse modo, então, podemos concluir que o período compreendido entre os séculos XVIII e XX foi bastante significativo com relação à expressão do futuro do presente. Nesse período testemunhou-se um processo de variação entre formas sintéticas e formas perifrásticas, sendo que essa variação resultou na mudança do paradigma desse tempo verbal, pois o que era preferência do falante - forma sintética - deixa de ser, em benefício de uma perífrase formada por IR + INF.

Esse processo de variação já se verificou logo no primeiro momento contemplado nesse trabalho - século XVIII, momento em que a presença de formas perifrásticas era bastante significativa. Entretanto, as perífrases acabam por ser, um tanto quanto reprimidas no século XIX e começo do XX, principalmente, no que diz respeito à perífrase IR + INF.

O processo de “repressão” da forma analítica do tempo futuro parece, contudo, ter chegado ao fim entre os anos 1950 e 1975, pois se verificou uma inversão na forma de realização do tempo futuro: formas sintéticas cedem a posição de hegemonia para formas perifrásticas, principalmente, para aquela formada por IR+INF.

Fatores externos à língua, como a mudança na forma de vida da comunidade de falantes, parecem ter impulsionado a mudança. Os fatores internos à língua mais significativos para explicar a mudança e compreender o seu processo são a pessoa verbal, o tipo de verbo, a

presença de verbo como elemento vizinho da forma futurizada, a voz do verbo e a animacidade do sujeito.

Com relação à pessoa verbal, percebeu-se que as formas inovadoras começam a ocorrer primeiramente com as 3ª pessoas, depois passam a ocorrer com a 1ª e, só então com a 2ª. Entretanto, contextos como aqueles formados pela voz passiva, com verbos ao lado de formas futurizadas e contextos com sujeitos [-animado], além dos verbos ser/estar, ter e os modais parecem preferir formas sintéticas, associação que nos últimos momentos estudados parece ter cedido espaço para formas perifrásticas.

4.2 O futuro do pretérito

Fazendo uma comparação generalizada entre os dois tempos estudados, observou-se que o futuro do pretérito (FT) é menos recorrente na língua, como evidencia a figura 4, além de ser muito conservador no que diz respeito às formas analíticas, como se pode observar pela figura 10.

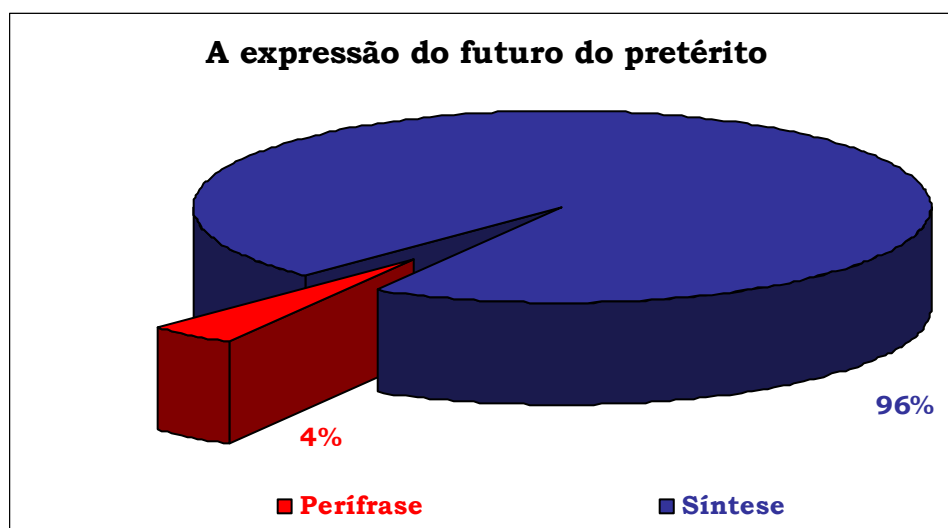


Figura 10

O FT perifrástico ocorreu apenas com o verbo IR sendo que um dado ocorreu com esse auxiliar no futuro e três no pretérito imperfeito (40 - 43)

40. IR (futuro) + INF

Espetacular vitória do C. Santa cruz sobre Rio Branco, líder da tabela do setor 28, por 3 A 1
Parecia que os vermelhos que ainda não perderam um único jogo no novo estádio IRIAM PASSAR pelo dissabor da primeira derrota [...].

A Comarca, 23 de Julho de 1950.

41. IR (imperfeito) + INF

Foi preciso a turma de Matão para animar o baile de Dobrada, pois se fosse depender dos dobradenses, não IA DAR em nada.

A Comarca, 10 de Maio de 1975.

42. IR (imperfeito) + INF

E seguindo ao passos de seu pai Phillip. O príncipe herdeiro inglês apareceu num almoço de editores com cabelo curto e roupas sóbrias, dizendo que IA MUDAR sua imagem pública.

Revista Cláudia, Janeiro de 1975, n. 160.

43. IR (imperfeito) + INF

TRANSFORMAÇÃO DE PRESENTE DE NATAL

Parabéns para VIVA. Eu tenho uma sugestão. No natal, vocês poderiam fazer um concurso e premiar uma leitora com uma transformação de beleza. SERIA algo tipo: Fique linda no ano que vem. Eu com certeza IA ME CANDIDATAR e acho que todas as leitoras AMARIAM.

Revista Viva, 10 de Outubro de 2000.

O emprego de perífrases para a expressão do FT começou no ano de 1950 com a perífrase IR (futuro) + INF e só em 1975 é que começaram a ocorrer dados com IR (imperfeito) + INF.

A quantidade muito pequena de dados, entretanto, não nos possibilita vislumbrar mudança quanto à forma de realização de FT, mas, apenas uma pequena variação.

A baixa ocorrência de formas variantes nesse tempo verbal pode ser explicada se fizermos uma comparação com o futuro do presente (FP). Sabe-se que o FP representa um evento que está por vir, sendo que os momentos de referência e de fala são iguais (MF, MR – ME), segundo Corôa (1985). Já para o FT, continua-se com o evento posterior à fala, entretanto o momento de referência não é igual, como no FP, mas anterior ao momento da fala: (MR -MF - ME).

A diferença com relação ao momento em que está localizado o MR parece ser bastante relevante para explicar o conservadorismo de FT e as mudanças em FP.

Como já se afirmou em 5.1, a partir de um momento histórico, no qual novas tecnologias e modernos meios de comunicação se instauraram, observou-se que presente e futuro parecem ter-se tornado muito mais próximos um do outro, ocasionando a necessidade do falante buscar uma forma capaz de expressar essas suas sensações.

Entretanto, com relação ao futuro do pretérito, tais necessidades não se apresentaram, uma vez que, como a perspectiva a que nos remete o MR é anterior ao momento da fala, parece que a distância entre esse futuro e o presente é muito maior, o que acaba por gerar muito mais incerteza quanto à factualidade das ações propostas por esse tempo. Muitas vezes, inclusive, essas ações dependem do acontecimento de outras¹⁸, ou seja, distanciam-se ainda mais do presente do falante.

A sensação de distanciamento entre presente e FT parece ter permanecido inalterada, mesmo com toda a mudança ocorrida na sociedade; desse modo, não havia necessidade de se instaurar novas formas de expressão, fazendo com que tal tempo permanecesse muito mais sintético que analítico.

O interessante é que, apesar de se observar poucas ocorrências de perífrases, a maioria constitui-se pelo **imperfecto** do IR + INF. Tal estratégia poderia ser explicada por uma associação com os momento de

¹⁸ É justamente esse fato que faz com que alguns denominem o FT, também, como **condicional**.

referência (MR) e momento fala (MF) do futuro do pretérito e do imperfeito.

A representação proposta por Coroa (1985, p. 49) para o imperfeito é ME, MR – MF, ou seja, momento do evento é igual ao momento de referência que são anteriores ao momento da fala. Assim, analisando o FT e o imperfeito, vemos que tanto em um quanto em outro o MR é passado.

Entretanto, se formos analisar o pretérito mais que perfeito, por exemplo, também perceberemos que o MR é anterior ao MF, então, como explicar a associação do FT com o imperfeito, além da posição de MR?

Corôa (1985, p.53) afirma que uma das características do imperfeito é não delimitar o ME como fato acabado, anterior ao MR, ao contrário dos outros pretéritos:

O que o falante transmite ao ouvinte com o uso do imperfeito é uma ótica do evento a partir do próprio momento do evento e não do seu fim, resultados ou conseqüências: o falante se coloca, e, conseqüentemente, coloca o ouvinte, no mesmo momento do evento. O ME e o MR, portanto são simultâneos [...].

Assim, pelo fato do imperfeito não delimitar a conclusão do ME no passado, mas, trazê-lo para junto de MR, dando a possibilidade de se interpretar a ação como algo que começou no passado, pode estar ocorrendo no presente e ter o seu término no futuro, é que pode haver essa associação entre imperfeito e FT, que por sua vez tem seu ME posterior ao MF.

Avaliando o futuro do pretérito segundo os grupos de fatores propostos em 3.3.3 percebemos que a **pessoa verbal** foi bastante relevante na análise, uma vez que apesar de verificar-se o emprego desse tempo

com as 1^{as} pessoas (singular (45) e plural (46)), 2^a do singular (47), foi com as 3^{as} (44) que se observou maior expressividade: 86,5%.

44. Futuro do Pretérito com 3^a pessoa do singular e do plural, respectivamente:

Outra, nestas circunstancias, não SERIA a atitude de um árbitro que não tivesse o firme propósito de acertar. E este jamais o abandonou. Chovessem protestos de qualquer natureza e não INFLUIRIAM na decisão de seus atos.

A Comarca, 26 de Fevereiro de 1950

45. Futuro do Pretérito com 1^a pessoa do singular

Por já ter viajado muito por aí eu PODERIA FALAR de vários lugares do Brasil

A Comarca, 02 de Junho de 2000

46. Futuro do Pretérito com 1^a pessoa do plural

Depois de um ano percebemos que PODERIAMOS CRESCER e começamos investir em equipamento.

Revista Viva Mais, 27 de Outubro de 2000

47. Futuro do Pretérito com 2^a pessoa do singular

Boas maneiras

Convite de casamento

Você vai se casar em breve e GOSTARIA DE CHAMAR apenas algumas pessoas do trabalho, mas não quer que as outras fiquem, chateadas?

Revista Viva Mais, 20 de Outubro de 2000

Pensando apenas nas perífrases, constatou-se que a hipótese proposta em 3.3.3 de que as mudanças parecem atingir primeiramente as formas não marcadas se mostrou verdadeira para o FT, assim como já se observou com o futuro do presente. Isso porque, dos 4 casos de perífrases observou-se que 3 delas ocorreram com as 3^{as} pessoas, e só no ano de 2000 é que observamos 1 dado de 1^a pessoa, sugerindo o mesmo percurso proposto para o FP: as mudanças atingem primeiro as 3^{as} pessoas depois a

1ª e só então a 2ª, com a qual não se registrou nenhum dado perifrástico no corpus estudado.

A ocorrência de formas perifrásticas com o FT começa a ser registrada apenas no ano de 1950 com um dado de 3ª pessoa do plural e em 1975 dois dados de 3ª pessoa do singular e um dado de 1ª no ano de 2000.

Tais ocorrências podem ser mais bem visualizadas pela tabela abaixo, na qual percebemos que, de todos os dados de 1950, 20% ocorreram sob a forma perifrástica. No ano de 1975, esse número cai para 14%, apesar do registro de dois casos, isso se deve a um maior número de ocorrências do FT nesse momento. Já no ano de 2000, observamos novamente 20% de ocorrências de formas perifrásticas entre todos os dados de FT.

As perífrases no Futuro do pretérito e os momentos históricos						
	Séc.XVIII	Séc. XIX	1925	1950	1975	2000
1ª pessoa singular	-	-	-	-	-	20%
2ª pessoa singular	-	-	-	-	-	-
3ª pessoa singular	-	-	-	-	14%	-
3ª pessoa plural	-	-	-	20%	-	-

Tabela 4

Esses resultados parecem confirmar duas afirmações feitas, anteriormente, para o futuro do presente:

1- A inovação atinge, primeiramente, formas [-marcada] como é o caso das 3ªs pessoas, só então é que vai se expandindo para contextos [+marcado].

2- O século XIX foi um século bastante conservador no que diz respeito à inserção de perífrases no paradigma do tempo futuro, seja no do presente, ou, no do pretérito, uma vez que, ao contrário de uma ascensão gradativa a partir do século XVIII, percebeu-se no XIX um retrocesso na introdução de formas inovadoras.

Vale salientar, entretanto, que, com relação à forma analítica de expressão do FT, nada pode ser afirmado, mas apenas, sugerido, uma vez que, com a pequena quantidade dessas formas no *corpus*, não é possível nenhuma conclusão definitiva, a não ser a de que esse é um tempo em que predomina o uso de formas sintéticas.

Um outro fator que se mostrou relevante para a análise do FT foi o **tipo de verbo**, pois, a distribuição dos três tipos analisados parece explicar algumas características que particularizam esse tempo verbal em comparação com o FP. Observemos a figura abaixo:

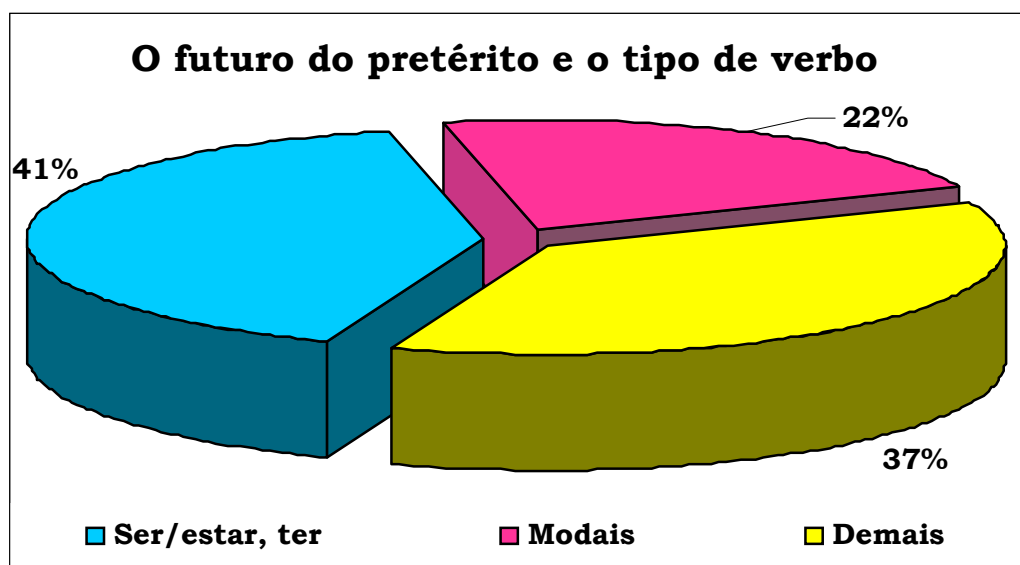


Figura 11

Contrariamente ao FP, no qual predomina o emprego do tipo verbal D (como já se observou na figura 7), no FT a maioria das ocorrências são de verbos do tipo E (ser/estar, ter).

Os verbos que compõem grupo E são bastante recorrentes na língua, e poderíamos pensar que, justamente por isso, a maior parte das ocorrências realizou-se com este tipo de verbo.

Se levarmos em conta, entretanto, a diferença na frequência desses dois tipos de verbos para o FP, poderemos observar, que, apesar, de uma presença significativa de verbos do tipo E, ela é ainda bem inferior à do tipo D. Tal fato nos leva a concluir, então, que a predominância de verbos do tipo E entre os dados de futuro do pretérito não é ocasionada apenas pelo fato desse tipo de verbo ser muito freqüente na língua, mas, que na realidade o FT parece preferir construções estativas.

Uma outra característica importante, no que diz respeito ao **tipo de verbo**, é a de que construções modais apresentam uma frequência significativa no FT, com 22% de ocorrências. Comparando esse resultado com aqueles obtidos para o FP, percebemos uma significância ainda maior, uma vez que foram apenas 7% as ocorrências de verbos do tipo M, como já se observou na figura 7. Tais resultados sugerem, então, que esse tempo verbal parece ser [+modal] do que o futuro do presente.

A questão da modalidade que permeia o tempo futuro parece se acentuar no FT. Tal resultado põe em relevo uma propriedade do FT na língua: a virtualidade.

Imaginando a linha de um *continuum* que caminha do virtual para o real, de mundos possíveis para um mundo real ($\mathbf{m}$ para $\mathbf{m}_0$)¹⁹, ou seja, de empregos modais para os temporais, poderíamos dizer que o FT está mais distante de $\mathbf{m}_0$ do que o FP.

A representação gráfica dessa linha imaginária seria a seguinte:

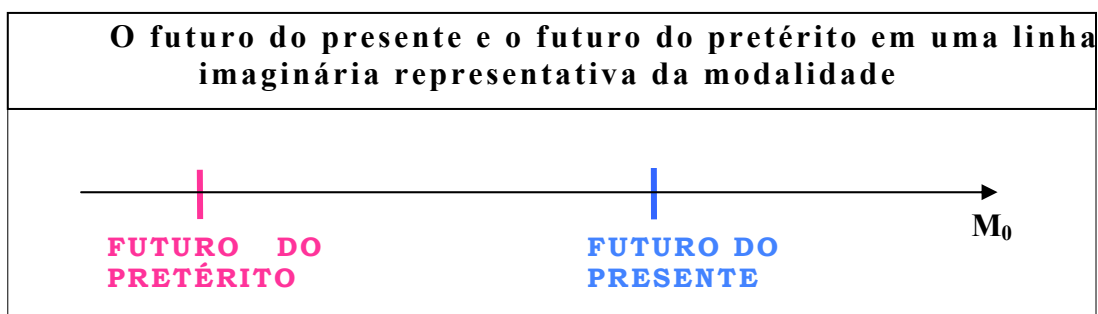


Figura 12

O fato de verbos do tipo E e M serem muito freqüentes na expressão do FT podem, inclusive, ter contribuído com o conservadorismo desse tempo verbal com relação às perífrases, pois, ainda comparando com os resultados do FP, observamos que esses dois tipos de verbo ocorre preferencialmente sob a forma sintética.

É interessante observar que, analisando os tipos de verbos segundo os momentos históricos, verifica-se a ocorrência de todos os tipos de verbos no século XVIII, já no século XIX, apenas de verbos E, no ano de 1925 verbos do tipo E e D. É só a partir do ano de 1950 que todos os tipos voltam a se realizar e se observa um aumento no uso de modais com o FT, chegando a suplantam o tipo D no ano de 2000, como se observa pela figura 13:

¹⁹ Como já foi explicado em 1.1.2.

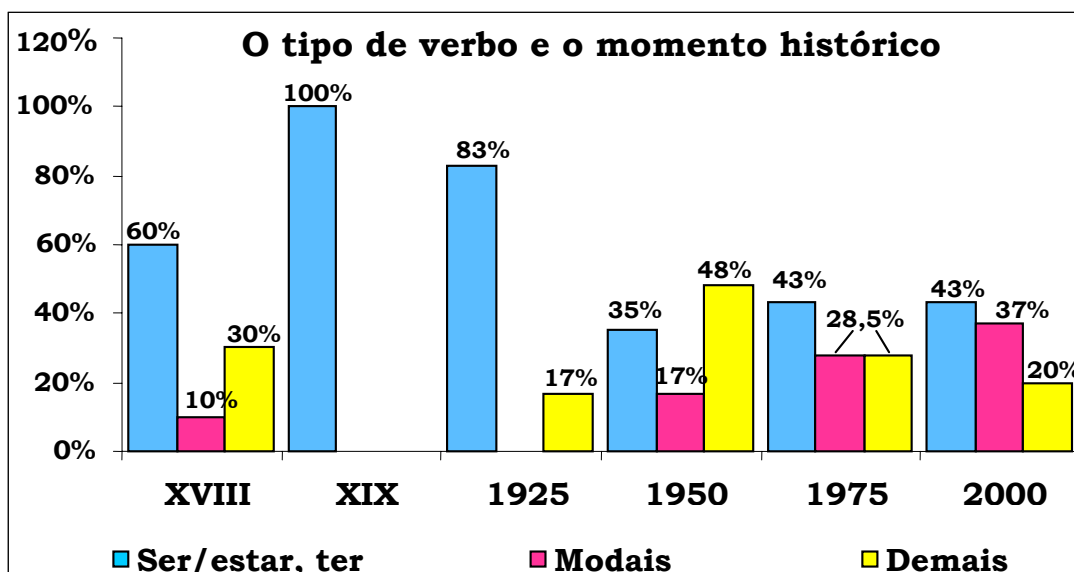


Figura 13

O cruzamento de **tipo de verbo** com a **pessoa verbal**, revelou outras correlações significativas: verificou-se que as perífrases se realizam apenas com verbos do tipo D e com as 3^{as} pessoas; enquanto a forma sintética ocorre com todos tipos de verbos e com as 1^{as} e 3^{as} pessoas, além da 2^a do singular, representada pelo pronome “você”.

Com relação à **voz** do verbo há de se destacar uma tendência geral pela voz ativa, sendo que as perífrases ocorrem apenas nessa voz.

As construções passivas correspondem a apenas 6,5% dos dados.

Uma outra tendência apontada pelo FT é a de construções com sujeitos [+animados], tendência essa observada com todas as pessoas verbais. Com relação às formas perifrásticas, tais dados também se confirmam, pois das poucas perífrases encontradas nesse tempo verbal, 60% ocorreram nesses contextos.

O cruzamento de **tipo de verbo e animacidade do sujeito** demonstrou que verbos modais rejeitam construções com sujeitos [-animado], enquanto verbos do tipo E parecem preferir esse tipo de contexto, já os verbos do tipo D, apesar de apresentarem uma alta frequência com sujeitos [-animado], ainda apresentam predomínio de sujeitos [+animado].

É interessante observar que, entre os casos de sujeitos [+animado] há equivalência de frequência entre verbos do tipo M e E: 31%, enquanto os do tipo D realizam-se em 38% dos dados. É com ocorrências de sujeitos [-animado] que verbos do tipo E asseguram sua hegemonia no FT (56%), suplantando as ocorrências de D (36%) e principalmente de M (8%), que rejeitam esse tipo de construção.

Levando em consideração a **animacidade** e o **momento histórico** percebeu-se que houve uma ascensão de sujeitos [-animado] ao longo dos momentos estudados até o ano de 1925; no ano de 1950 observa-se uma ligeira queda, e uma bastante acentuada no ano 2000, como se pode verificar pela figura abaixo:

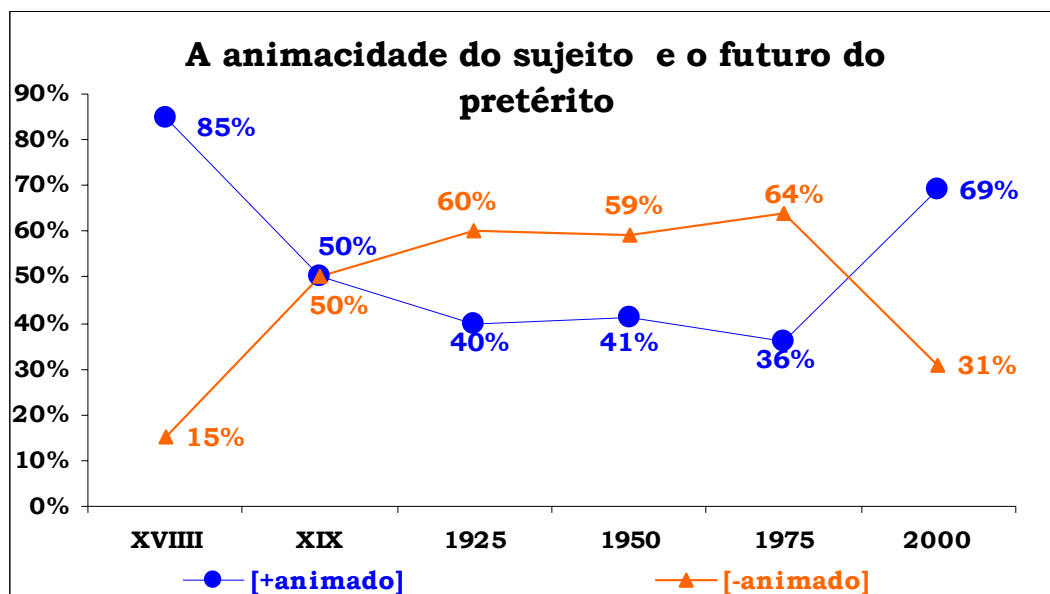


Figura 14

Finalizando a análise, podemos dizer, então, que o FT parece resistir a formas perifrásticas, e essa resistência pode estar relacionada com o momento de referência e o momento de evento que caracterizam o futuro do pretérito, pois essas propriedades, por si sós, já parecem barrar uma possível aproximação desse tempo com o presente. Isso, seguindo nossa proposta de interpretação, tornaria menos provável o uso de formas perifrásticas.

O tipo de verbo mais comum a esse tempo verbal é o E (ser/estar e ter), que também pode estar contribuindo para a manutenção da forma sintética, uma vez que, como já foi observado para o FP, esse tipo de verbo é resistente a formas perifrásticas.

5. CONCLUSÃO

Podemos concluir da análise de 909 dados de formas futurizadas, sendo, aproximadamente, 150 para cada momento, que o futuro do presente é muito mais freqüente que o futuro do pretérito no uso semi-formal do português de parte da região sudeste do Brasil.

O período estudado, que compreende em três séculos, mostrou-se bastante importante para o estudo do tempo futuro na variedade brasileira estudada, principalmente, para o futuro do presente. Observou-se a implementação de mudança na forma de expressão desse tempo: uma forma perifrástica que no século XVIII indicava futuro, sem, entretanto desvinculá-lo de uma característica espacial, começa a expandir seus contextos de realização, e, na segunda metade do século XX, suplanta não apenas outra forma perifrástica já existente na língua, mas, também, a forma sintética de expressão do tempo futuro.

Muitos estudos sobre **mudança em tempo real** no português brasileiro centram suas análises nos séculos XIX e XX, principalmente, pelo fato de Tarallo (1993) ter proposto que é no século XIX que formas características da variedade brasileira se firmam, e, que a partir daí nossa variedade começa a se diferenciar da variedade portuguesa.

Para o tempo futuro, entretanto, tal afirmação, não se aplica. Constatou-se que a forma perifrástica IR+INF, bastante recorrente na variedade estudada, no século XVIII, não prossegue em uma escala de ascensão no século XIX; na realidade, essa forma passa por um período de “repressão”, e só volta a adquirir forças na segunda metade do século XX.

Assim, um estudo que tivesse contemplado apenas os séculos XIX e XX poderia ter levado à conclusão de que essa perífrase era principalmente fruto do século XX, devido à sua baixa ocorrência no XIX. O que seria uma conclusão equivocada.

Além de demonstrar que no século XVIII essa perífrase já existia e com aparente força, a análise desse momento histórico propiciou, também a conclusão de que IR+INF se instaurou na língua, primeiramente, em situações em que a característica espaço-tempo se imbricam. Somente a partir daí, expandiu-se para contextos apenas temporais.

A análise da expressão do tempo futuro no português demonstrou que, para se compreender a mudança lingüística, ou a ausência dela, em determinado fenômeno é necessário, primeiramente, compreender a estrutura sócio-histórica da comunidade de falantes, uma vez que fatores externos à língua podem desencadear, acelerar ou barrar um processo mudança já previsto pelo sistema lingüístico.

Os fatores internos ao sistema lingüístico, bastante relevantes na análise do tempo futuro, foram a pessoa verbal, o tipo de verbo, a voz do verbo, a animacidade do sujeito, e a presença de um verbo como elemento vizinho à forma futurizada, este último apenas no caso do futuro do presente.

Com a **pessoa verbal**, observou-se que as formas inovadoras na língua realizam-se, primeiramente, com formas verbais não marcadas como é o caso da terceira pessoa, e aos poucos expandem seus contextos de atuação a formas [+marcadas]: 1ª e 2ª, respectivamente. Esse processo pode ser associado à ordem de aquisição de paradigmas verbais proposta

por Bybee (1985). Mesmo contextos que a princípio se mostravam resistentes às formas inovadoras começam a ceder espaço a elas a partir da 3ª e vão seguindo a mesma ordem.

O **tipo de verbo** mais recorrente com o FP é o tipo D (“demais”), enquanto que com o FT é o tipo E (ser/estar, ter), fato, aliás, que pode ajudar a explicar a resistência a formas perifrásticas nesse tempo verbal. Uma outra diferença com relação ao tipo de verbo entre esses dois tempos diz respeito aos verbos modais (M), que, ocorrem, principalmente, no futuro do pretérito, o que nos possibilita inferir que a modalidade característica do tempo futuro se acentua no FT.

Com relação à **animacidade** do sujeito observou-se uma tendência geral no FP a formas com sujeito [+animado], característica que se intensifica nas perífrases. Entretanto, a forma analítica constituída de IR+INF começou a ocorrer, sobretudo, com sujeitos [-animado] e depois expandiu sua realização a contextos com sujeito [+animado], com os quais se associa preferencialmente nos últimos momentos analisados.

Um outro fator relevante para o estudo do tempo futuro, principalmente, do FP, é a presença do **elemento vizinho**, uma vez que, quando a forma futurizada está ao lado de uma outra forma verbal, ela, provavelmente ocorrerá como forma sintética. Tal fato, entretanto, tem se alterado nos últimos dois momentos estudados, nos quais percebeu-se um aumento de formas futurizadas avizinhas por outra forma verbal ocorrendo sob a forma de perífrase IR+INF. Esse encaminhamento vem confirmar, mais uma vez, a consolidação do processo de mudança que

levou à substituição das formas sintéticas pelas analíticas na expressão do tempo futuro em português.

6. REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. B. H. Confissões de magistro. In: **OS PENSADORES**. São Paulo: Abril, 1984.

ALMEIDA, J. **Introdução ao estudo das perífrases verbais de infinitivo**. Assis: ILHPA, 1980.

ARAÚJO, R. C. O ciclo do futuro nas línguas ibero-românicas, **Cadernos Congresso Nacional de Lingüística e Filologia**, Rio de Janeiro, n.4, 2003. Disponível em <www.filologia.org.br/viicnlf/anais/caderno04-10.html-101k>. Acesso: 12 ago. 2005.

BENVENISTE, E. A linguagem e a experiência humana In: _____. **Problemas de lingüística geral II**. Tradução de Eduardo Guimarães et al.; revisão técnica da tradução Eduardo Guimarães. 4. ed. Campinas: Pontes, 1989. p. 68-80.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral I**. tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri; revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 4. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BORBA, F. S. **Uma gramática de valências para o português**. São Paulo: Ática, 1996.

BORNECQUE, H; MORNET, D. **Roma e os romanos**: literatura, história, antiguidades. ed. rev. e atualizada por Cordier, A., tradução de Alceu Dias Lima. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.

BORTONI-RICARDO, S. M. A migração rural-urbana no Brasil: uma análise sociolingüística. In: TARALLO, F (Org.). **Fotografias sociolingüísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 167-181.

BYBEE, J. L. **Morphology**: A study of the relation between meaning and form. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

CARVALHO, G.A. **A realização do sujeito na fala do araguiense**. 2005. Dissertação (Mestrado em lingüística e Língua Portuguesa)-Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Unesp, Araraquara, 2005.

CEDERGREEN, H.; SANKOFF, D. Variable rules: performance as a statistical reflection of competence. **Language** V.50, p. 333- 55, 1974.

CONCISO dicionário bíblico. Tradução de Ana Watson; S.L.Watson. In: **Bíblia Sagrada** - contendo o antigo e o novo testamento. Tradução de João Ferreira de Almeida. Santo Ande: Geográfica, 2002. p. 1-175.

CORÔA, M. L. M. S. **O tempo no português**: uma introdução à sua interpretação semântica. Brasília: Thesaurus, 1985.

COSERIU, E. Sobre el futuro romance. In: _____. **Estudios de Lingüística Románica**. Madrid: Gredos, 1977. p. 15-39.

CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S. A., 1978.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M.A. (Org.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

DUARTE, M.E.L. **A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro**. 1995. Tese Doutorado-Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 1995.

FLEISCHMAN, S. **The future in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FIORIN, J.L. Do tempo. In: _____. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1996.

GARCIA, C. **A época que mudou o mundo**, [2003?], Disponível em <www1.folha.uol.com.br/folha/almanaque/anos60.htm>. Acesso: 02 Ago. 2005.

GASPAR, A. **Terremotos, tsunamis e seus efeitos**, 2004. Disponível em <http://www.aticaeducacional.com.br/htdocs/secoes/atual_cie.aspx?cod=747>. Acesso: 16 de Maio de 2005.

GÖRSKI, E. M. et al Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis. In: Vandresen, P. (Org.). **Variação e mudança no português falado da Região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002, p. 217-267.

GUEDES, M.; BERLINCK, R. A. (Org.). **E os preços eram commodos: Anúncios de jornais brasileiros – século XIX**. São Paulo: Humanitas, 2000.

HEINE, B. et al. **Grammaticalization: A conceptual framework**. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

ILARI, R. Alguns recursos gramaticais para a expressão do tempo em português. In: **Estudos de Filologia e Lingüística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum**. São Paulo: QUEIROZ/ EDUSP, 1981. p. 181-193.

ILARI, R. **A expressão do tempo em português**. São Paulo: Contexto, 2001.

ILARI, R. **Lingüística Românica**. São Paulo: Ática, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **População Residente, por situação do domicílio e por sexo: 1940-1996**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censohistorico/1940_1996.shtm>. Acesso: 07 Ago. 2005.

LABOV, W. The social motivation of a sound change. **Word**, nº 19, p.273-309, 1963.

LABOV, W. The Design of a Sociolinguistic Research project. **Report of the Sociolinguistic Workshop**. Central Institute of Indian languages. Mysore: India, 1972.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. In: W.P.LEHMANN; MALKIEL (Ed.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamin Publishing Company, 1982. p. 17-92.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change**. Cambridge: Blackwell, 1994.

LAPERUTA, M. **A realização do sujeito pronominal: um estudo sociolingüístico para a cidade de Londrina – Norte do Paraná**. 2002. Dissertação (Mestrado em Lingüística e Língua Portuguesa)-Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Unesp, Araraquara, 2002.

LONGO, B. N. O. A auxiliaridade e a expressão do tempo em português. 1990. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua portuguesa)-Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Unesp, Araraquara, 1990.

LYONS, J. **Introdução à teoria lingüística**. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

NETO, S. S. **História da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Presença, 1979.

MALACA, J. C. (1975) Aspectos da sintaxe do português falado no interior do país. **Boletim de Filologia**. Fasc. 1-4. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, (Tomo XXIV), p. 57-74.

MATEUS, M. H. M. et al. **Gramática da Língua Portuguesa**. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

MOLLICA, M. C. M. (Org.). Introdução à Sociolingüística Variacionista. **Cadernos Didáticos UFRJ**. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2002

OLIVEIRA E SILVA, G. M.; PAIVA, M. C. A. Visão de conjunto das variáveis sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. M. P. (Org.). **Padrões sociolingüísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

PRETI, D. A norma e os fatores de unificação lingüística na comunidade. In: _____. **Sociolingüística: os níveis da fala**. 8 ed. São Paulo: EDUSP, 1997.
SAID ALI, M. **Gramática Secundária e Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1964.

TAUNAY, A. E. **História das bandeiras paulistas**. São Paulo: Melhoramentos, [1961?].

TAUNAY, A. E. Relatos sertanistas. In: **BIBLIOTECA HISTÓRICA PAULISTA**. São Paulo, [1953?]. V.7.

TARALLO, F. **A Pesquisa Sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar no final do século XIX. In: ROBERTS, I., KATO, M.A. (Org.). **Português brasileiro – uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993. p. 69-105.

TRAVAGLIA, L.C. Verbos gramaticais-verbos em processo de gramaticalização. In: FIGUEIREDO, C.A. et al **Lingua(gem): reflexões e perspectivas**. Uberlândia: Edufu, 2003, p. 97-157.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 1996.

SILVA, A. **A expressão da futuridade no português falado**. Araraquara: Unesp, 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.

7. APÊNDICE

O apêndice constitui-se de tabela indicando os valores que deram origem aos gráficos e tabelas, não em porcentagem, mas em números inteiros.

Tabela referente à Figura 4:

A expressão do futuro do presente (FP) e do futuro do pretérito (FT) no período estudado	
Futuro do Presente	Futuro do Pretérito
808	97

Tabela referente à Figura 5:

Formas sintéticas e perifrásticas nos séculos XVIII, XIX E XX						
	SÉC.XVIII	SÉC.XIX	1925	1950	1975	2000
PERÍFRASE	25	11	19	14	82	81
SÍNTESE	110	137	123	109	60	37
TOTAL	135	148	142	123	142	118

Tabela referente à Figura 6:

A expressão perifrástica e a pessoa verbal						
	SÉC.XVIII	SÉC.XIX	1925	1950	1975	2000
1ªp.singular	1	-	-	1	3	10
3ªp.singular	19	9	15	11	63	48
3ªp. plural	5	2	4	2	3	11
2ªp.singular	-	-	-	-	13	12

Tabela referente à Figura 7:

O Futuro do Presente e o tipo verbal		
Verbos do tipo D (demais)	Verbos do tipo E (ser/estar, ter)	Verbos do tipo M (modais)
352	175	49

Tabela referente à Figura 8:

A expressão do tempo futuro tendo uma forma verbal como elemento vizinho						
	SÉC.XVIII	SÉC.XIX	1925	1950	1975	2000
Síntese	9	14	18	14	16	10
Perífrase	1	-	3	1	9	15

Tabela referente à Figura 9:

A animacidade e as perífrases						
	SÉC.XVIII	SÉC.XIX	1925	1950	1975	2000
[+ animado]	12	8	12	7	51	59
[- animado]	13	3	7	7	30	20

Tabela referente à Figura 10:

A expressão do futuro do pretérito	
Futuro do Pretérito sintético	Futuro do Pretérito perifrástico
95	4

Tabela referente à Figura 11:

O futuro do pretérito e o tipo de verbo		
Verbos do tipo D (demais)	Verbos do tipo E (ser/estar, ter)	Verbos do tipo M (modais)
36	40	21

Tabela referente à Figura 13:

O tipo de verbo e o momento histórico						
	SÉC.XVIII	SÉC.XIX	1925	1950	1975	2000
Verbos do tipo D (demais)	12	-	1	11	6	6
Verbos do tipo E (ser/estar, ter)	6	4	5	8	4	13
Verbos do tipo M (modais)	2	-	-	4	4	11

Tabela referente à Figura 14:

A animacidade do sujeito e o futuro do pretérito						
	SÉC.XVIII	SÉC.XIX	1925	1950	1975	2000
[+ animado]	17	2	2	9	5	20
[- animado]	3	2	3	13	9	9

Tabela referente à Tabela 1:

A distribuição das formas perifrásticas de acordo com os momentos históricos						
	XVIII	XIX	1925	1950	1975	2000
HAVER (presente) + INF	7	3	5	-	1	-
HAVER (futuro) + INF	-	1	-	-	-	-
IR (presente) + INF	15	4	14	11	75	78
IR (futuro) + INF	3	-	-	-	2	2

Tabela referente à Tabela 2:

As perífrases, o tipo de verbo e os momentos históricos						
	Séc.XVIII	Séc.XIX	1925	1950	1975	2000
Ser/estar, ter	4	1	3	2	8	13
Modais	-	-	1	-	4	1
Demais	21	11	15	12	70	67

Tabela referente à Tabela 3:

IR + infinitivo o tipo de verbo e os momentos históricos						
	Séc.XVIII	Séc.XIX	1925	1950	1975	2000
Ser/estar,ter	-	-	1	3	8	13
Modais	-	-	-	-	4	1
Demais	15	4	12	9	65	65

Tabela referente à Tabela 4:

As perífrases no Futuro do pretérito e os momentos históricos						
	Séc.XVIII	Séc. XIX	1925	1950	1975	2000
1 ^a pessoa singular	-	-	-	-	-	1
2 ^a pessoa singular	-	-	-	-	-	-
3 ^a pessoa singular	-	-	-	-	2	-
3 ^a pessoa plural	-	-	-	1	-	-